



ISSN 2526-0790

Ano VIII – Número 13

Volume 1 – Outubro/2022

# Teologia, Sociedade & Espiritualidade





ISSN 2526-0790

Ano VIII – Número 13

Volume 1 – Outubro/2022

**A importância do aconselhamento  
para casais em processo de divórcio.**

Dr. Josimaber Siqueira Rezende  
Malena R. O Clower  
Marcos A. S. Paulino

**Cristianismo cultural: a influência da crise  
Econômica do período pós-ditadura no  
Estabelecimento da teologia de afirmação  
Positiva no Brasil.**

Dr. Marlon Ronald Fluck  
Bruno Hilgenberg Martins

**João Batista na história da redenção: uma  
Análise exegética de Mateus 17:7-15.**

Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza<sup>1</sup>  
Vinícius Barreto Machado

**Pneumatologia na primeira carta aos  
Coríntios sob a ótica de João Crisóstomo.**

Me. Luciano Azambuja Betim

**A deslumbrante e breve epístola de II João:  
uma abordagem teológica, investigativa,  
exegética e prática**

Me. Kemuel Lourenço Figueira Andrade

# **Teologia, Sociedade & Espiritualidade**

ISSN 2526-0790

Revista do Departamento de Teologia da FATEBE  
Janeiro/junho 2023

**Revisão Final**

Josimaber Siqueira Rezende  
Malena Ribeiro Oliveira Clower  
Vinicius Barreto Machado

**Editoração Eletrônica**

Adoniran de Souza Bail

# **Teologia, Sociedade & Espiritualidade**

Revista do Departamento de Teologia da FATEBE  
Janeiro/junho 2023

## **Redator**

Josimaber Siqueira Rezende

## **Conselho Editorial**

Cícero Manoel Bezerra

Josimaber Siqueira Rezende

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza

Marlon Ronald Fluck

## **Conselho Editorial de Avaliação**

Fred Bornschein

Roberto Rohregger

**Diretora Geral**

Rogério L. de Souza

**Diretora Geral**

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza

**Coordenador de Pós-graduação**

Josimaber Siqueira Rezende

**Coordenador de Graduação**

Cícero Manoel Bezerra

**Coordenador de Cursos Extensão**

Eduardo de Medeiros

**Endereço:**

Avenida Iguaçu, 1700 - Água Verde

CEP: 80.240-030 – Curitiba / Paraná / Brasil

Telefone: 55 (41) 3014-8376

Whatsapp: 55 (41) 9 9670 5657

Email: falecom@faculdadebetania.com.br

# Teologia, Sociedade & Espiritualidade

ISSN 2526-0790

## Artigos

- A importância do aconselhamento para casais em processo de divórcio** p. 09  
Dr. Josimaber Siqueira Rezende  
Malena R. O Clower  
Marcos A. S. Paulino
- Cristianismo cultural: a influência da crise Econômica do período pós-ditadura no Estabelecimento da teologia de afirmação Positiva no Brasil.** p. 28  
Dr. Marlon Ronald Fluck  
Bruno Hilgenberg Martins
- João Batista na história da redenção: uma Análise exegética de Mateus 17:7-15.** p. 45  
Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza<sup>1</sup>  
Vinícius Barreto Machado
- Pneumatologia na primeira carta aos Coríntios sob a ótica de João Crisóstomo.** p. 66  
Me. Luciano Azambuja Betim
- A deslumbrante e breve epístola de II João: uma abordagem teológica, investigativa, exegética e prática** p. 76  
Me. Kemuel Lourenço Figueira Andrade

# Artigos

*O conteúdo dos artigos é de inteira responsabilidade de seus autores*

# A IMPORTÂNCIA DO ACONSELHAMENTO PARA CASAIS EM PROCESSO DE DIVÓRCIO

Josimaber Siqueira Rezende<sup>1</sup>

Malena R. O. Clower<sup>2</sup>

Marcos A. S. Paulino<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso propõe-se a apresentar a importância do aconselhamento para casais em processo de divórcio, visto que na contemporaneidade houve um grande aumento no número de casais que procuram romper os elos matrimoniais, assim, fazendo expirar a bela frase “até que a morte nos separe”. Como consequência disso, o que se observa é uma imensa busca por escritórios de psicoterapia, psicologia, além de gabinetes pastorais, tudo numa tentativa de encontrar conselheiros que sejam capazes de auxiliar, orientar e direcionar nos mais diversos dilemas da vida, entre eles, o assunto que é tema deste estudo: o divórcio. Logo, é neste instante que se apresenta a figura importantíssima do conselheiro, visando auxiliar aqueles que estão passando pela perplexidade da dissolução do casamento. Contudo, entende-se que o conselheiro deve estar capacitado para auxiliar no desenvolvimento progressivo e nos desafios identificados, colaborando para uma transformação pessoal capaz de dar aos indivíduos meios de enxergar a oportunidade de apaziguar a relação. Por este motivo, nos empenhamos em demonstrar a importância do aconselhamento para casais no processo de divórcio. Toda a base de nosso estudo encontra-se em pesquisas bibliográficas, além de portais educacionais.

**Palavras-chaves:** Relacionamento conjugal; Divórcio; Aconselhamento.

## ABSTRACT

This course conclusion work proposes to present “The importance of counseling for couples in the divorce process”. Since in contemporary times there has been a great increase in the number of couples who seek to break marital bonds, thus making the beautiful phrase expire; till death do Us part. And as a consequence of this, what is observed is an immense search for psychotherapy offices, psychology as well as pastoral offices, all in an attempt to find counselors who are able to assist, guide and direct in the most diverse dilemmas of life, among them the subject that is the subject of this study, divorce. Therefore, it is at this moment that the very important figure of the counselor is presented, aiming to help those who are going through the perplexity of dissolution in marriage. However, it is understood that the counselor must be able to assist in the progressive development and in the identified challenges, contributing to a personal transformation capable of giving individuals the means to see the opportunity to appease the relationship. For this reason, we strive to demonstrate the importance of counseling for couples in the divorce process. The entire basis of our study is found in bibliographic research, in addition to educational portals.

**Keywords:** Marital Relationship; Divorce; Advice.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela PUC-RIO; Mestre em Teologia pela FABAPAR; Pós-Graduado em Liderança Pastoral pela FTSA; Graduado em Docência e em Liderança Avançada pelo HAGGAI; Bacharel em Teologia e Bacharel em Administração. Professor na PUC-PR, UNINTER, FATEBE e FATEVE. Contato: josimaber.rezende@pucpr.br

<sup>2</sup> Pós-Graduada em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela FATEBE; Bacharel em Teologia pela FABAPAR); Teologia e Missões pelo Seminário Evangélico Betânia de Minas Gerais; Graduada em Letras/Inglês (UNIP). Contato:clower.malena@hotmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Teologia pela FATEBE. Curitiba – PR Contato:markospaullino@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a importância do aconselhamento para casais em processo de divórcio. Para isto, primeiramente, serão mostradas algumas definições de aconselhamento, sua etimologia, bem como as várias linhas que se utilizam dessa ferramenta, numa tentativa de auxiliar aqueles que se encontram com dificuldades de ordem emocional, conjugal e outras áreas da vida.

No segundo ponto, será realizado um levantamento dos números de divórcio dos últimos anos, além de um breve panorama quanto a esses números durante a pandemia da Covid-21, que assolou o mundo nos últimos anos, sem falar nos impactos e mudanças que o divórcio tem causado na sociedade contemporânea.

É verdade que os tempos, a cultura e a sociedade têm passado por grandes mudanças. Contudo, percebe-se que estas mudanças têm causado alguns transtornos para os casamentos, e estes estão sendo bombardeados por influências externas que têm fragmentado os relacionamentos. Prova disso é a pandemia, que chegou causando os mais variados impactos na vida de todos nós. Destes, um dos mais visíveis ocorreu nas relações familiares. Além de culminar num grande número de mortes, trouxe cisão em muitos casamentos.

Hoje as relações mudaram. Silva, Lopes e Rocha (2021, p. 16) comentam que os modelos conjugais se tornaram mais amplos em sua liberdade de formação. Contudo, o casamento continua sendo o caminho preferido de constituição de família, já que a grande maioria das famílias nasce neste evento.

Com a legalização da lei do divórcio, os elos matrimoniais já não fazem jus à bela frase “até que a morte nos separe”. Tampouco, se assegura o posicionamento do evangelista canônico Marcos, que trata o casamento como uma instituição indissolúvel: *“Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe”* (Mc 10.9).

Tendo em vista o grande número de divórcio e tantas outras tensões e questões, a pergunta a se fazer é: qual a importância do aconselhamento para o casal em processo de divórcio? E é justamente aqui que entra o terceiro ponto que será trabalhado neste artigo: o diálogo, o aconselhamento e sua importância no contexto do divórcio.

Collins (2002, p. 85), especialista no assunto, diz que aconselhamento é aprendizagem, é vigilância quanto aos eventuais riscos. Friesen (2012, p. 19), por

sua vez diz que, sem o conselheiro, não haveria o aconselhamento. Observa-se nas declarações dos referidos autores que o aconselhamento tem um papel importante, e que este tende a contribuir com estratégias diretivas e orientações que venham a auxiliar os casais e tantos outros que precisarem utilizar esta ferramenta, levando-os, assim, a superar barreiras e desafios, além de ajudar na transformação do cidadão em sua cultura.

Collins (2004, p. 17) continua dizendo que aconselhamento é dar estímulos e orientações às pessoas que estão enfrentando perdas, decisões difíceis ou desapontamentos. Logo, diante desse quadro, muitos são aqueles que estão à procura de profissionais como psicólogos, psiquiatras, conselheiros, além das igrejas que servem como base de apoio para um acompanhamento.

Pensando nisso, pastores e líderes buscam cada vez mais preparar-se para atender a grande demanda de pessoas que procuram conselhos, e é neste instante que a arte do aconselhamento é colocada em prática para, com sabedoria, tentar minimizar o número impactante de casais que se encontram passando pelo processo de divórcio, e por fim, contribuir para uma sociedade mais saudável.

## **2. DEFINIÇÕES DE ACONSELHAMENTO**

A definição mais comum de aconselhamento é: o ato de aconselhar. Mas, no que se refere ao estudo proposto, a área do aconselhamento abrange âmbitos onde a utilização dessa ferramenta se faz necessária na procura de soluções que venham contribuir para o crescimento humano.

Na esfera cristã, há alguns autores que traçam definições para o aconselhamento que certamente, em algum momento da caminhada cristã, qualquer pessoa perceberá sendo utilizados na igreja local. Por exemplo: “aconselhamento cristão”, “aconselhamento pastoral”, ou “aconselhamento Bíblico”. Estas, são apenas algumas das nomenclaturas empregadas para enfatizar o assunto “aconselhamento”.

Primeiramente, é necessário definir o aconselhamento pastoral. Do ponto de vista de Bessa (2013, p. 72), o aconselhamento pastoral se alicerça nas Escrituras e tem como elementos base: a pessoa do conselheiro, a Bíblia e a orientação do Espírito Santo, sem o qual, o aconselhamento não se processa.

Já Schipani (2004, p. 11) define em sua tese que o aconselhamento pastoral é uma dimensão e forma especial do cuidado pastoral, e deve ser considerado, a partir de uma perspectiva teológica, como um âmbito e processo especial para a prática da sabedoria. Ele destaca em sua tese que o processo do aconselhamento pastoral deve ser praticado com sabedoria, à luz da Bíblia.

Conforme Collins (2004, p. 17), o aconselhamento pastoral visa dar estímulo e orientações às pessoas, e este trabalho deve ser feito um pastor ordenado. Contudo, em vista do que as Escrituras dizem a respeito de todos os crentes levarem as cargas uns dos outros, o aconselhamento pastoral pode e deveria ser um ministério exercido por cristãos sensíveis e zelosos.

Na posição de Collins, todo cristão deveria ser um conselheiro, levando em consideração o texto de Gálatas 6.2: *“Levai as cargas pesadas uns dos outros e, assim, estareis cumprindo a lei de Deus”*. Entretanto, o autor deixa transparecer que este ofício é específico do pastor.

Para Babler e Ellen (2017, p. 8), o aconselhamento bíblico consiste em ministrar as Escrituras de maneira instrutiva e corretiva tanto para indivíduos quanto para grupos. Na verdade, ele deve ser feito para com todos aqueles que enfrentam problemas ou que desejam a sabedoria e a orientação de Deus.

Para MacArthur (2016, p. 6), o aconselhamento bíblico se trata de diretrizes bíblicas e motivações, além de que oferece aos cristãos princípios bíblicos específicos que os permitam reconhecer a diferença entre o aconselhamento que pretende ser bíblico e aquele que realmente o é.

MacArthur parte para a revelação da Palavra, já que no evangelho de João 8.32 diz: *“E Conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”*. Assim, todo aconselhado terá um momento em que tomará seu próprio caminho. A ajuda, a motivação, e as diretrizes o farão discernir, ou seja, o auxiliarão a ter a percepção daquilo que verdadeiramente diz ser o que é.

Os autores que contribuíram acima definiram o aconselhamento bíblico. Contudo, ainda se faz essencial a definição conceitual do aconselhamento cristão através da aprendizagem de técnicas, da sensibilidade aos problemas das pessoas, da compreensão do processo de aconselhamento, da vigilância quanto aos eventuais riscos, além de uma profunda familiaridade com a Bíblia e da sensibilidade à orientação do Espírito Santo (COLLINS, 2002, p. 85). Logo, estar atento ao Espírito Santo, ter conhecimento da palavra de Deus, enxergar as

necessidades alheias e estar vigilante aos riscos definem o aconselhamento cristão.

Para Hurding (1995, p. 29), aconselhamento cristão trata-se simplesmente do fenômeno de cristãos dedicados ao exercício do ministério de aconselhamento, ou consiste em algo mais específico, com pressuposições, objetivos e talvez métodos exclusivamente cristãos.

De maneira sucinta, Hurding (Id., p. 29) vai na essência do cristianismo: o cuidado. Este cuidado é perceptível em diversos momentos do ministério de Jesus, dentre eles o que é narrado em João 21.15-17, onde Jesus absolve Pedro por tê-lo negado por três vezes. Agora era a hora de Pedro colocar em prática aquilo que aprendera com o mestre: o cuidado.

Por fim, hoje, basta mencionar a palavra “aconselhamento” em certos círculos profissionais que a reação será bem heterogênea. Uns aceitarão prontamente o termo sem questionamento; outros, desejosos de definições precisas, sentirão desconforto em usar a palavra de modo genérico; enquanto outros ainda, ridicularizarão esse substantivo específico, dizendo que, por abranger um amontoado de fenômenos, seu emprego é praticamente obsoleto (Id., p. 30).

Segundo Ruth Scheffer (apud BESSA, 2013, p. 1), por aconselhamento se compreende “a relação face a face de duas pessoas, na qual uma delas é ajudada a resolver dificuldades de ordem educacional, profissional, vital e a utilizar melhor os seus recursos pessoais”. Percebe-se, nesse conceito, algumas das características que definem o aconselhamento, seja este realizado por uma Igreja local ou não. De acordo com Brito (2020, p. 7), o aconselhamento que se firma nas Escrituras e busca por uma abordagem metodológica correta pode contribuir na busca das decisões sábias que conduzem a um viver maduro debaixo da graça de Deus.

Observando o que dizem os autores sobre a definição de aconselhamento cristão, fica claro que o processo tem em vista o ato de ajudar as pessoas a enfrentarem certas situações da vida. Isto é, uma tentativa de melhorar a qualidade ou padrões de comportamentos que levará o aconselhado a lidar melhor com os desafios de sua vida.

### 3. DADOS ALARMANTES SOBRE O DIVÓRCIO

De maneira preliminar, este estudo vem expor, de forma sucinta, a problemática e muito debatida questão do divórcio. O intuito aqui não é fechar o debate, mas refletir sobre o grande número de divórcios dos dias atuais.

De acordo com Faria (2022), a expressão “até que a morte nos separe” já não faz mais sentido. Aquela cena de emoção e lágrimas diante do altar já está em desuso, tantas são as separações de casais e pedidos de divórcio. Os autores Silva, Lopes e Rocha (2021, p.16) declaram que, inicialmente, quando falamos de divórcio, precisamos entender os reflexos da sua adoção no Brasil.

Cumprir indicar que passaram mais de 40 anos desde a sua permissão e hoje os modelos de relacionamentos conjugais se tornaram mais amplos em sua liberdade de formação. Percebe-se que o ato de se divorciar é fruto de uma emenda constitucional proposta pelo Senado, a Lei do Divórcio (Lei 6.515/1977) que permitiu uma profunda mudança social no Brasil (FALCÃO, 2021). Até então, o casamento era indissolúvel. Aos maridos e esposas infelizes só restava o “desquite”, que encerrava a sociedade conjugal com a separação de corpos e de bens, mas não extinguiu o vínculo matrimonial.

Conforme Cordeiro (2012, p. 51), analisando os textos bíblicos<sup>4</sup>, segundo o evangelho de Marcos (Mc 10.9), o matrimônio é indissolúvel. Já em Mateus (Mt 19.9), Jesus teria deixado a porta aberta ao divórcio somente em caso de adultério. Esse esforço veio, mais tarde, a ser interpretado por alguns protestantes e católicos como uma admissão ao divórcio, facultando a separação, mas não um novo casamento.

Isto posto, é possível identificar que o divórcio há muito tempo se faz presente nas mais diversas culturas, sendo que este assunto até hoje gera discussão. Ao estudar o Evangelho de Mateus, Pontes Filho apresenta:

Vejamos o que diz Mateus. A palavra “divorciar” usada em (Mt 5. 32 e 19. 9) tem uma conotação jurídica de “repudiar”, ou seja, sua origem gramatical sempre significa a dissolução absoluta do casamento, com o imprevisto direito a um novo casamento. A ideia que tem uma simples separação de corpos não é verdadeira. A palavra hebraica que se traduz por divórcio é *Kerithuth* e significa “rompimento”. Os judeus chamavam o divórcio de “termo de rompimento”. Já a palavra grega que traduzimos por divórcio no Novo Testamento é *apouo*. Trata-se de um equivalente exato

---

<sup>4</sup> Segundo Mateus 10.9, todo aquele que repudiar a sua mulher, a não ser por causa de fornicção, a faz ser adúltera; e o que se casar com ela (mulher) repudiada, comete adultério.

do vocábulo hebraico e tem o mesmo significado e o mesmo sentido de absoluta dissolução. Esse termo significa "libertar, soltar; dissolver radicalmente; desamarar; desligar; desfazer um laço; cessar qualquer obrigação etc." (FILHO, 2011, p. 63).

O assunto "divórcio" é um dos mais questionados, debatidos e indefinidos atualmente. Alguns não admitem em hipótese alguma a dissolução do casamento, nem jamais a possibilidade de um novo matrimônio por parte de alguém separado. Já há outros que não veem o divórcio como algo tão determinante e fundamental para a vida. Pontes Filho (2003, p. 57) expõe uma visão de ambos os lados, demonstrando que os mais tradicionais sempre estarão fechados para tal assunto; já os mais liberais aceitam com mais facilidade o tema divórcio e novo casamento.

Na visão de Shelly (2012, p. 9), o divórcio não é algo bom, pois desestabiliza a vida das pessoas que investem em um matrimônio com objetivo pleno e sério de viverem juntas até que a morte os separe. É claro que, inevitavelmente, há muitos que se casam hoje em dia com intenções bem menos sérias. Logo, o divórcio é um mal que traz inúmeras consequências para a vida, e este mal é o reflexo da falta de compromisso para com o matrimônio.

Já Longman e Allender (1999, p. 11) declararam: "*Os casamentos estão sob pressão*". Alguns sofrem a tragédia de infidelidades, abusos e divórcio. Outros suportam o tédio de um relacionamento baseado somente na instituição, deixando de lado o romantismo.

Com tudo isto, mais um fator que veio corroborar para o declínio do matrimônio foi a pandemia da Covid-21. Esta, que chegou sorrateira, tomou forma devastadora, quebrando o elo de muitos casais, colocando pressão sobre muitos relacionamentos e assim desfazendo a tradicional jura "até que a morte nos separe".

A pandemia da Covid-19 trouxe diversas mudanças, causando os mais variados impactos na vida de todos nós; destes, um dos mais visíveis ocorreu nas relações familiares. Para muitos, essa foi uma excelente oportunidade de estar mais próximo das pessoas queridas. Contudo, para outros, essa proximidade expôs a fragilidade do relacionamento ou dos sentimentos de alguns casais (NEVES, 2021).

Para melhor entendermos o que vimos acima, vejamos os números que o noticiário traz sobre a pandemia da Covid-19 e o que ela foi capaz de ocasionar

entre os casais.

A culpa é da pandemia. O convívio prolongado cansou muita gente. Ninguém aguenta mais ninguém. Alguns ainda vão tentando, mas aquele grande amor, aquela jura de amor, o “até que a morte nos separe”, está condenado ao descrédito. Só no ano de 2020, foram registrados 43.800 processos de divórcios no país, de acordo com dados do Colégio Notarial do Brasil, o que representou 15% de aumento em relação a 2019. Além de mais de meio milhão de brasileiros, a pandemia matou o amor de muitos casais. O problema é que ninguém quer esperar o fim da pandemia para tentar resolver as questões que acabaram por afastar os casais. Está todo mundo correndo para terminar o casamento, ninguém quer dar um tempo. Nada disso. (FARIA, 2021, p. 1).

Para melhor dimensionar os números acima, é necessário fazer uma comparação com outros levantamentos anteriores. Por exemplo, na pesquisa de Cano e Gabarra (2008, p. 214) o divórcio equivale a 4,4% por ano. Isso, doze anos antes daquilo que deveria ser o último censo.

Confrontando os dados da pandemia Covid-19, o aumento é de 10,6%. Com este crescimento, até o próximo censo que possivelmente acontecerá em 2030, este número pode chegar ao absurdo dado de 106%. Lembrando que esse total se refere à diferença e não ao número real da pandemia Covid-19, pois calculando os números reais, seria possível alcançar catastróficos 150%.

O divórcio no Brasil foi regulamentado apenas em 1977, sendo que, até então, não era juridicamente possível postular um novo casamento. De fato, o divórcio e o novo casamento já ocorriam de maneira informal, antes mesmo da regulamentação pela via da lei. Porém, não eram reconhecidos ou aceitos socialmente, constituindo temas velados ou evitados nas redes sociais e familiares (Id., p. 2014).

No Brasil, o fim da exigência de prazos para dissolução legal dos casamentos fez com que a taxa geral de divórcios atingisse, em 2010, o seu maior patamar desde 1984, quando foi iniciada a série histórica das Estatísticas do Registro Civil, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também tingiu 1,8 por mil habitantes entre pessoas de 20 anos ou mais (MARQUES, 2022). Com todas essas informações, percebe-se que o compromisso matrimonial vem decaindo com o passar dos tempos, e, com isto, a palavra divórcio vem ganhando destaque nas mais diversas culturas.

A Bíblia da Mulher, em seu comentário sobre o divórcio (1993, p. 1190) diz que divorciar-se (*gr. apostasion*, de *apoluo*, “mandar embora”, significa “remover do

centro do relacionamento” ou “quebrar a comunhão”) pode ser entendido apenas à luz do princípio preexistente da monogamia permanente de um homem e uma mulher, que diz que casais devem permanecer juntos durante toda a vida.

A Bíblia diz, através do próprio Jesus, que Deus fez homem e mulher e que os dois se tornariam uma só carne. Portanto, aquilo que Deus fez o homem nunca teve a autorização para desfazer (Mc. 10. 6-9). Porém, a Bíblia revela que José era homem justo (Mt. 1. 19). Ele, entretanto, planejava divorciar-se de Maria, e o teria consumado não fosse a intervenção divina (SILVA, 1997, p. 58). Abandonar o cônjuge, de fato, é um pensamento que tem provocado a muitos, e no caso de José, só não aconteceu porque houve uma interferência da mão divina.

Silva, Lopes e Rocha (2021, p. 1) confirmam que o problema do divórcio aumenta quando a relação conjugal já apresenta uma estrutura frágil, capaz de se afetar facilmente diante dos fatores externos. A alteração na rotina familiar pode vir a desencadear momentos de estresse e abalo emocional na vida conjugal. Isto demonstra que muitos são os fatores que vêm a contribuir para que uma relação termine. Até mesmo uma relação sem bases sólidas poderá estar fadada ao fracasso, seja qual for a base cultural: cristã ou não cristã.

Conforme Marques (2022), embora não haja nenhuma pesquisa específica que aponte os números de separações entre evangélicos, é possível supor que o problema atinja também esse segmento da sociedade em proporções inéditas, bastando ao leitor observar sua própria congregação: dificilmente não haverá relatos de casamentos desfeitos em sua igreja.

Apesar de os dados não apontarem os números de separação entres os evangélicos, é extremamente difícil opôr-se à ideia de que o mal do divórcio também tem atingido os casais dentro das igrejas, uma vez que estes não estão imunes a conflitos. Certamente esta problemática permeia o povo evangélico.

Por fim, Costa, Silva e Kunz (2017, p. 206) afirmam que o divórcio não fazia parte do plano original de Deus, mas foi aprovado transitoriamente na lei de Moisés por causa da “dureza” do coração do homem. É importante considerar que a lei de Moisés não instituiu o divórcio, mas sob a direção divina, Moisés o “tolerou” e o “regulamentou” para prevenir abusos.

A conclusão, após discorrer-se sobre o assunto que é tema deste trabalho e atender ao que dizem os autores supracitados, é que o divórcio nunca fez parte da “cultura do céu”, mas devido à inclinação do coração do homem e seus interesses,

o divórcio passou a ser é uma realidade.

#### **4. ACONSELHAMENTO: UMA TENTATIVA DE MINIMIZAR O IMPACTO NO NÚMERO DE DIVÓRCIOS**

O aconselhamento é parte de um processo que visa auxiliar aqueles que estão passando pela perplexidade da dissolução no casamento que tem se agravado nos últimos anos. De acordo com Friesen (2012, p. 19), sem o conselheiro não haveria o aconselhamento. Se o conselheiro não se dispuser ao aconselhamento, as pessoas necessitadas não terão a quem recorrer. Pelo menos não a alguém com habilidades treinadas e/ou vocacionado para exercer o ministério de misericórdia, através do aconselhamento.

Sendo assim, o aconselhamento pode ser uma ferramenta na tentativa de diminuir o dilema do divórcio que se faz tão presente atualmente. Qualquer casal passando por dificuldades em seu casamento deve buscar aconselhamento mais cedo ou mais tarde. Todo casamento passa por colisões e reviravoltas que, se não forem tratadas corretamente, podem criar abismos bastante expressivos. No entanto, muitas vezes, seja por orgulho ou vergonha, um casal não procura ajuda para salvar o casamento.

Numa tentativa de minimizar a problemática em questão, Friesen fala sobre a relevância de se ouvir as partes envolvidas, por isso, a importância de um bom ouvidor conselheiro:

[...] se dá, pela audiência inicial que deverá ser feita preferencialmente com o casal, na presença dos dois cônjuges. Pois, assim o outro deverá obrigar-se a ouvir sem entrar imediatamente em defensiva quando o seu parceiro se queixar. Isto fará com que ele pense um pouco mais sobre o que houve. Além disso, aprenderá a respeito dos sentimentos do outro. Outra vantagem em atender o casal em conjunto já na primeira consulta é que assim se evita que o ausente entenda que existe um pacto entre o conselheiro e a pessoa que apresentou os problemas por primeiro. (FRIESEN, 2004, p. 144).

Collins (2004, p. 485) discorre sobre o assunto ao dizer que acredita que o aconselhamento conjugal pode ser feito individualmente ou em conjunto, mas concorda que a melhor forma é quando o casal participa integralmente, pois, o progresso pode ser melhor e mais rápido.

Já Ruthe (1999, p. 109) alega que é necessário que o conselheiro perceba se o casal deverá vir junto para as sessões de aconselhamento ou se seria melhor fazer sessões individuais. Algumas vezes apenas uma pessoa do casal buscará

ajuda, o que representaria um desafio diferente para o conselheiro. No entanto, admite-se que de forma geral, seria melhor que os dois participem juntos.

Pode-se observar que a percepção do aconselhador deve ter um filtro aguçado. Só assim saberá se os envolvidos no revés poderão participar juntos do processo de aconselhamento ou se o conselheiro deverá tratar de forma individual os envolvidos até que estejam aptos para juntos serem atendidos. Mas admite-se também que é basilar que os dois estejam juntos para a tentativa de apaziguamento.

Tendo em vista todas estas preocupações, Hoff (2002, p. 22) expressa que o aconselhamento vem a diminuir as emoções destrutivas, tais como a ansiedade, hostilidade, ira ou angústias, de modo que a pessoa possa dirigir sua energia para a solução do problema, em vez de desperdiçá-la.

Collins (2004, p. 17), por sua vez, declara que aconselhamento é dar estímulos e orientações às pessoas que estão enfrentando perdas, decisões difíceis ou desapontamento. Logo, o aconselhamento em uma situação de divórcio poderá dar uma nova perspectiva à situação, e assim, não culminar na dissolução do matrimônio.

É possível perceber que o aconselhamento tem um papel significativo, pois o mesmo é capaz de reduzir sentimentos destrutivos nos indivíduos, além de norteá-los, ajudando-os a enxergar a problemática, para que as decisões assertivas sejam a melhor escolha a se fazer, seja qual for o dilema – dentre eles, o divórcio.

A ABCB - Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos - adverte que, como conselheiro, este pode começar a ajudar a clarear a situação e dar esperança, mesmo quando tudo pareça estar perdido. Ensinar o casal a olhar para cima os ajuda a lembrar as maiores e mais simples verdades da mensagem do evangelho. É como colocar Efésios 5.1-3<sup>5</sup> em conversa verbal com o casal (HOLMES, 2022).

O que a ABCB aconselha é chamar a atenção do casal assistido ao desafio de aprender com Deus um amor transcendente, capaz de superar barreiras e

---

<sup>5</sup> (Efésios 5.1-3) 1 - Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos muito amados. 2 - Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor. 3 - Quanto à fornicção, à impureza, sob qualquer forma, ou à avareza, que disto nem se faça menção entre vós, como convém a santos.

desafios, além de se comportar com um espírito perdoador, e, deste modo, dar espaço para um novo olhar matrimonial, a fim de atar aquilo que estava fragmentado.

Além disso, também afirma que:

...é de suma importância que o conselheiro entenda quais expectativas o casal criou para o aconselhamento, para que dessa forma ele possa trabalhar de forma que não frustrate o casal. Ele também precisa procurar saber os assuntos que sempre causam brigas entre o casal, para que ele possa trabalhá-los e às vezes até mesmo descobrir problemas que não foram mencionados, mas que podem ser a causa dos conflitos. Sabendo disso, ele poderá enfatizar os assuntos mais conflitantes, instruindo naquilo que a Bíblia ensina e dessa forma ajudá-los a resolver os problemas e evitar os conflitos. (LUIZ E AUGUST, 2019, p. 150).

Apesar de toda frustração que o casal já carrega, dependendo do tipo de aconselhamento transmitido, poderão se frustrar um pouco mais, devido às expectativas geradas. Por isso, o conselheiro conjugal precisa ser dirigido por Deus e com sabedoria para levá-los ao arrependimento e não causar maiores problemas.

Lopes (2005, p. 67) manifesta que é importante que o conselheiro destaque a relevância do perdão de pecados entre o casal, visando que a união possa ser de harmonia. Além disso, é de grande valor que o conselheiro enfatize a prática da comunicação para evitar conflitos.

A comunicação é a chave para um casamento feliz. Logo, é essencial que o casal aconselhado venha ter conhecimento de quão valorosa é a absolvição dos pecados no matrimônio, para que o elo do casal se mantenha firme e não sofra com a dissolução. Além disso, a intercomunicação é a via pavimentada que conduz ao júbilo no matrimônio.

Porém, o conselheiro precisa saber que ele não impedirá futuros problemas no meio conjugal através do aconselhamento, mas deverá ensinar a ferramenta mais preciosa para a comunhão do casal. O casal precisa, através do aconselhamento, entender a importância do perdão para a felicidade de ambos. Sem perdão será difícil haver transformação. Tanto marido quanto esposa precisam saber pedir e dar perdão. *"Um bom casamento é união de dois excelentes perdoadores"* (KEMP, 1999, p. 19).

Santos em sua canção, elucidando o texto de Gálatas 5.22, expõe:

"quem tem amor sabe dá o perdão tem um bom coração, é amigo. Quem tem amor não machuca e não deseja o mal nem para o inimigo. Porque o amor não divide, o amor não agride o amor não castiga. Onde existe amor, não existe rancor, não existem intrigas". (SANTOS, 1999, p. 6).

Esta canção, ao elucidar bem o texto de Gálatas 5, tem muita semelhança com aquilo que os conselheiros estão praticando em seus consultórios, pois quando o assunto é divórcio, sempre estará em pauta o quesito perdão e amor, visto que estes prismas são a via pavimentada que solidifica a união conjugal.

Para Shelly (2012, p. 16), o arrependimento leva a um perdão real e à oportunidade de progredir ao invés de diluir aquilo que Deus uniu. Luz e August (2019, p. 142) manifestam que para prevenir um divórcio ou uma separação e para que o casal possa viver em constante harmonia, vivendo uma vida estável e procurando resolver os problemas e não os deixar acumular de forma que acarrete uma marca ou um problema ainda maior, Deus colocou pessoas na igreja que podem ajudar e que são muito eficazes na maioria dos casos. Eles ajudarão e aconselharão sobre a forma como Deus planejou as coisas. Esses são os verdadeiros conselheiros.

Conselheiro é aquele que dispõe do seu tempo e de si mesmo para “assistir” ao aconselhando, enquanto este busca os seus recursos para ajustar-se, para resolver seus conflitos. “Assistir” no sentido de estar presente, de auxiliar, de ajudar, de favorecer” (FRIESEN, 2012, p. 19).

Assim sendo, o aconselhamento é uma tentativa de minorar a rachadura de conflitos nas mais diversas áreas da sociedade, nas mais diferentes épocas da história. E como proposto neste estudo, o aconselhamento é um ensaio que procura reduzir a sequela que casais estão enfrentando em seus casamentos atualmente.

Por fim, como evidência de que o aconselhamento pode mudar o desfecho de uma separação, o portal de notícias Gazeta do Povo apresenta o aconselhamento ministrado pelo advogado Rafael Gonçalves a um casal: No dia 24 de fevereiro, quando viu o casal chegando ao escritório pelas câmeras de segurança do escritório, ele pensou que os dois houvessem decidido pelo divórcio e até começou a preparar a papelada. Todavia, o desfecho foi diferente. Mas, o que fez aquele casal mudar de ideia? O aconselhamento e a forma como se deu pelo papel do advogado como conselheiro. O aconselhamento daquele casal se fez com perguntas: Eles realmente fizeram de tudo para salvar aquela união? Será que o divórcio seria a melhor escolha? Quem eram suas influências? E por último, quantos momentos difíceis superaram e como se conheceram? Estas perguntas fizeram com que o casal refletisse melhor sobre sua história de vida. Logo,

perceberam que aquilo que os unia se tornara maior do que as indiferenças que num instante os impulsionavam a desistir de tudo que viver (NEITSCH, 2016, p. 1).

Rosa (2011, p. 26) afirma que o aconselhamento busca estimular o desenvolvimento da personalidade, a ajudar os indivíduos a enfrentarem mais eficazmente os problemas da vida, bem como a resolver os conflitos íntimos e as emoções prejudiciais, além de prover encorajamento e orientação.

Como visto anteriormente, muitos casais desistem da separação porque são estimulados, encorajados, e impulsionados a refletirem sobre a maneira como vivem seu matrimônio. Portanto, foram aconselhados, e este aconselhamento foi eficaz. Este é o caminho que ajudará indivíduos a enfrentarem de maneira eficiente os dilemas da vida. Logo, o aconselhamento é ferramenta indispensável, numa tentativa de apaziguamento.

## **5. CONCLUSÃO**

Diante do exposto, fica claro que desde os tempos mais remotos, o tema divórcio tem sido motivo de controvérsia. No entanto, ao considerar o que dizem as escrituras e levar-se em conta os seus conselhos e instruções, o desfecho de um relacionamento conflituoso pode ser de felicidade.

A Bíblia ensina a nem se quer fazer-se menção de: impureza, fornicação, avareza, como convém aos santos (Ef. 5.3). Mas considerando o apresentado por este ensaio, a famosa frase “até que a morte nos separe” já não faz tanto sentido para alguns, tanto que em algumas ocasiões, casais acabam optando pela cisão do casamento ao invés de resolverem as suas diferenças e continuarem dando sentido à frase que no dia da união dos dois indivíduos foi pronunciada com tanta felicidade.

É certo que determinados dilemas relacionados ao divórcio ocasionaram uma grande busca por consultórios de psicologia e psiquiatria, além de gabinetes pastorais. Tudo isso decorre de uma tentativa de encontrar conselheiros e profissionais com habilidades treinadas e/ou vocacionados para exercer o ministério de misericórdia através do aconselhamento.

Entretanto, é necessário enfatizar que aqueles que exercem o papel de conselheiro precisam estar munidos de capacidades, competência, maestria e habilidades que auxiliem os casais a compreenderem a importância do perdão para

que a união seja harmônica.

Porém, isto não quer dizer que o casal estará imune a futuros problemas. Todavia, o conselheiro que é capaz de fazer o casal perceber a importância do perdão para a felicidade do casamento contribuirá de forma eficaz para uma restauração conjugal.

O casal que sabe dar e receber perdão desfrutará de uma transformação matrimonial. Desta forma, se compreende que o aconselhamento é de grande importância para aqueles que estão sofrendo com dificuldades no casamento e outras áreas da vida. Logo, o aconselhamento é uma ferramenta na tentativa de auxiliar pessoas que estão passando pela perplexidade da dissolução do casamento, algo que tem se agravado muito nos últimos tempos.

Por fim, fica a incitação para futuros estudos, sendo que a temática abordada não está fechada, pois as nuances que levam ao divórcio são muito complexas e vêm sendo discutidas desde os tempos bíblicos e gerado as mais tensas discussões ao longo da história. Contudo, se os corações exercerem o amor, o perdão e a compaixão, assim como Cristo exerceu por todos na cruz, os números de divórcios seriam menores do que os atuais.

É tempo das instituições e profissionais despertarem para investir num método de apoio e acolhimento de casais. É tempo de restaurar corações feridos, apresentando-lhes o bálsamo da graça divina, que é capaz de suscitar o verdadeiro sentimento de amor entre cônjuges, e assim manter as palavras de Cristo em vigor: *“O que Deus uniu, ninguém separe”* (Mc. 10:9).

## REFERÊNCIAS

BABLER, John; ELLEN, Nicolas. **Fundamentos teológicos do aconselhamento bíblico**. São Bernardo do Campo: Nutra Publicações, 2017.

BESSA, D. Borja. **Aconselhamento pastoral**: Desafio para a igreja local. In.: Revista Via Teológica, v. 14, n. 27, 2013.

BÍBLIA DA MULHER. **Leitura, Devocional, Estudo**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRITO, E. Pereira. **A eficácia da abordagem interpretativa no aconselhamento pastoral**. In.: Revista Vox Faifae, v. 10, n. 2 (2020).

CANO, D, Staub; GABARRA, L, Macedo. **As Transições Familiares do Divórcio**

**ao Recasamento no Contexto Brasileiro.** Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento.** São Paulo: Vida Nova, 2002.

CORDEIRO, A, Menezes. **Divórcio e casamento na I república**: Questões fracturantes como arma de conquista e de manutenção do poder pessoal? In.: Revista da Ordem dos Advogados. Lisboa/Portugal, 2012.

COSTA, F, P, Silva; SILVA, J, Souza; KUNZ, V, Clarice. **A importância da psicologia**. Centro Universitário Adventista de São Paulo. Engenheiro Coelho; 2017.

FALCÃO, Arnaldo; GEISEL, Ernesto. **Lei 6.515/1977** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6515.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6515.htm)  
Acesso em: 07/12/2021.

FARIA, A. Alves. **Além de mais de meio milhão de brasileiros, a pandemia matou o amor**. Disponível em:  
<https://jovempan.com.br/opiniao-jovem-pan/comentaristas/alvaro-alves-de-faria/alem-de-mais-de-meio-bilhao-de-brasileiros-a-pandemia-matou-o-amor.html>  
Acesso em: 07/05/2022.

FILHO, J, Pontes. **A tragédia do adultério, da imoralidade, do divórcio**. Londrina: Editora Descoberta, 2003.  
FILHO, M. Ribas. **Cuidando de casais no contexto eclesial**. Faculdade Teológica Batista de São Paulo. São Paulo, 2011.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do casamento**. Curitiba: Esperança, 2004.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral**. Curitiba: Editora Esperança, 2012.

HOFF, Paul. **Pastor como conselheiro**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.

HOLMES, Jonathan. **Aconselhando Casais Estagnados**. Disponível em:  
<https://abcb.org.br/aconselhando-casais-estagnados/>  
Acesso em: 07/05/2022.

HURDING, Roger F. **A árvore da cura**: Fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

KEMP, Jaime. **Antes de dizer adeus. Como prevenir ou sobreviver ao divórcio**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.

LONGMAN, Tremper; ALLENDER. Dan, B. **Aliados íntimos**. São Paulo: Editora Mundo Cristão. São Paulo. 1999.

LUIZ, Luana Spent; AUGUST, Fridbert. In: **Aconselhamento matrimonial**. In.: Revista Contigo. Curitiba, 2019.

MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2016.

MARQUES, Narciso. **Divórcio é crescente entre cristãos.** Disponível em: <https://comunhao.com.br/casamento-ameacado/>  
Acesso em: 07/05/2022.

NEITSCH, Joana. **Advogado aconselha casal a desistir de divórcio e faz sucesso nas redes sociais.** In.: Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/justica-e-direito/advogado-aconselha-casal-a-desistir-de-divorcio-e-faz-sucesso-nas-redes-sociais-bmikqakck6mza4onjoj57xzzy/> Acesso em 08/06/2023.

NEVES, Claudia. **O Covid-19 e a Pandemia de Divórcios no Brasil.** Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/82834/o-covid-19-e-a-pandemia-de-divorcios-no-brasil> Acesso em: 07/12/2021.

LOPES, Hernandes Dias. **Casamento, divórcio e novo casamento.** São Paulo: Editora Hagnos, 2005.

ROSA, Alexandre. **Interface, psicologia e aconselhamento pastoral:** O cuidado nas crises através da psicologia pastoral. São Leopoldo, 2011. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/297>  
acesso em 08/06/2023.

RUTHE, Reinhold. **Aconselhamento:** Como se faz. Curitiba: Editora Luz e Vida, 1999.

SANTOS, J. Samuel. **O especialista.** Goiânia: edição do autor, 1999.

SCHIPANI, Daniel S. **O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.

SHELLY, Rubel. **Divórcio e novo casamento.** São Paulo: Editora Palavra, 2012.

SILVA, E, Soares. **Analisando o divórcio à luz da Bíblia.** Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

SILVA, M, C, Vicente; LOPES, J, Silva; ROCHA. M, Oliveira. **O covid-19 e o divórcio no Brasil: Considerações do direito e da psicologia.** Caderno de Graduação, ciências humanas e sociais. Alagoas: 2021.

# CRISTIANISMO CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA CRISE ECONÔMICA DO PERÍODO PÓS-DITADURA NO ESTABELECIMENTO DA TEOLOGIA DE AFIRMAÇÃO POSITIVA NO BRASIL

Dr. Marlon Ronald Fluck<sup>6</sup>

Bruno Hilgenberg Martins<sup>7</sup>

## RESUMO

Olhando para a história do Brasil, se percebe que em dois momentos específicos de crise econômica, social e aumento da vulnerabilidade, houve mudanças na forma de se fazer teologia. Por meio de pesquisa bibliográfica, se buscou então esclarecer se haveria relação de causa e consequência entre as crises e o que se chamou de cristianismo cultural, uma prática teológica desenvolvida para atender a carência dos cristãos brasileiros. A hipótese central da pesquisa foi de que crises sociais e econômicas poderiam de fato alterar a compreensão de fé de uma igreja que não tivesse uma doutrina bem estabelecida na Bíblia sagrada, livro que fornece os parâmetros de fé para o cristianismo. Para análise da validade da hipótese e resposta da problematização proposta foi apresentada a origem da teologia de afirmação positiva, considerada a principal linha teológica gerada nesses momentos de crise, foram apresentados os meios para que chegasse e pudesse se estabelecer de forma palatável ao cenário local e a aderência de seus pilares à doutrina bíblica considerando escritos paulinos.

**Palavras-chave:** Teologia de afirmação positiva; Cristianismo cultural; Teologia da fórmula de fé

## ABSTRACT

Looking at the history of Brazil, it is clear that in two specific moments of economic and social crisis and increased vulnerability, there were changes in the way of doing theology. Through bibliographic research, we sought to clarify whether there would be a cause-and-effect relationship between the crises and what was called cultural Christianity, a theological practice developed to meet the need of Brazilian Christians. The central hypothesis of the research was that social and economic crises could actually change the understanding of faith of a church that did not have a well-established doctrine in the Holy Bible, a book that provides the parameters of faith for Christianity. To analyze the validity of the hypothesis and answer the proposed problematization, the origin of the theology of positive affirmation was presented, considered the main theological line generated in these moments of crisis, the means were presented to arrive and be able to establish itself in a palatable way to the local scenario and the adherence of its pillars to the biblical doctrine considering Pauline writings.

**Keywords:** Positive affirmation theology; Cultural Christianity; Formula of faith theology.

---

6 Doutorado em Teologia e História pela Universidade de Basiléia (Suíça); Professor na Faculdade Teológica Betânia e Faculdade de Teologia Evangélica de Curitiba; membro do NUPPER – núcleo de pesquisa em religião da Universidade Federal do Paraná: mrfluck@gmail.com

7 Bacharelado em teologia Faculdade Teológica Betânia (FATEBE): brunohilgenberg@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Assim como o judaísmo e o islamismo, o cristianismo é classificado como uma religião do livro, e o motivo dessa classificação se deve ao fato de que as três contam com um livro norteador da fé. “Os escritos sagrados, considerados de inspiração divina ocupam um lugar central no interior destas grandes religiões.” (REIS, 2021, p.1).

Partindo dessa premissa, se faz necessário considerar que se há um livro norteador para cada uma dessas religiões, as regras e normas para exercício e prática de fé dessas religiões devem derivar de uma interpretação das diretrizes oferecidas por seus livros norteadores, e não devem ser criadas de forma aleatória com base em experiências pessoais ou fontes externas ou diversas a esses livros.

Quando uma nova doutrina é criada e sua origem mapeada conduz a uma interpretação errada do livro norteador, uma interpretação sectária, diversa daquela aceita pela maioria, ela é considerada uma heresia. Barros (2010, p. 34) define heresia como um pensamento que diverge daquilo que primeiro foi considerado ortodoxo. Já o significado de ortodoxia é fé reta, portanto, toda vez que uma doutrina contradiz um pensamento ou conjunto de ideias relacionadas à fé que já foram previamente discutidas pela comunidade de fé e consideradas ortodoxas ou retas, ela é considerada um desvio doutrinário, uma heresia.

O objetivo da presente pesquisa é apresentar um conjunto doutrinário específico cuja base interpretativa diverge da ortodoxa, portanto uma heresia, chamada aqui de teologia de afirmação positiva. De forma breve, buscou-se aqui apresentar a definição do que esse conjunto de ideias representa, mapear sua origem apresentando seus principais expoentes, traçar sua trajetória até o Brasil, buscando apresentar de forma simplificada e breve o cenário que encontrou aqui e como ele pode ter influenciado de forma positiva para o progresso dessa doutrina herética na prática de fé cristã brasileira.

Também será apresentada uma breve argumentação teológica a esse conjunto doutrinário, analisando seus princípios à luz de alguns escritos de Paulo, um grande expoente do cristianismo neotestamentário.

É importante também chamar atenção para a definição de cristianismo cultural, compreendida por essa pesquisa por uma grande distorção do cristianismo e que tendo alcançado solo fértil no coração do povo brasileiro, logrou êxito em ser absorvida pela cultura popular brasileira. Elwood (apud OLSON, 2021, p. 137), defende que todas as religiões passam por ciclos, cujo último estágio é a criação de uma religião popular, percebida principalmente pela perda da tradição e do engajamento intelectual, levando essa religião a uma espiritualidade personalizada, individualizada e recheada de frases de efeito, clichês, sentimentos experiências populares. A essa compreensão popular brasileira do cristianismo, desvinculada do livro norteador da religião, este trabalho se referirá como cristianismo cultural. Essa categorização apresentada na pesquisa oferece conotação negativa por entender que a adaptação cultural do cristianismo não tem sido fiel a estrutura apresentada pela Bíblia Sagrada, entretanto não há pretensão de dizer que a aplicação do cristianismo com base na cultura seja ruim em absoluto, o grande desafio da teologia é ler os textos em seus contextos e aplicá-los a cultura de onde e quando se pretende, mas sem comprometer o cerne da mensagem.

A presente pesquisa foi realizada por meio de análise bibliográfica, buscando apresentar algumas das principais obras que tratam acerca do tema alvo e tem por objetivo levantar um questionamento sobre o grau de influência que o cenário econômico e social pode representar sobre a prática de fé da igreja brasileira,

Não há qualquer pretensão de estabelecer uma verdade definitiva acerca de um tema tão amplo e que dialoga com tantas áreas diferentes, entretanto a hipótese que por enquanto impera é que momentos de crise, econômicas, sociais, sanitárias, poderiam tornar o coração dos cristãos um solo fértil para sistemas de crenças que lhes promettesse mudar seu status.

## **1. O BERÇO DA TEOLOGIA DE AFIRMAÇÃO POSITIVA**

Adotou-se nessa pesquisa o nome de teologia de afirmação positiva para descrever o conjunto doutrinário que afirma que aquilo que for declarado por um cristão, se feito com fé, possa passar a existir. Esse mesmo conjunto doutrinário é encontrado na literatura e em referências posteriores como “teologia de confissão positiva” ou então

“teologia da fórmula da fé” ou “teologia da prosperidade”. O motivo da escolha de teologia de afirmação positiva foi por compreender que os outros nomes podem acabar levando a uma interpretação errônea ou inocente do que realmente essa doutrina propõe.

Antes de introduzir o conteúdo da teologia de afirmação positiva, é necessário compreender suas raízes. Analisou-se então, a sua origem, que pode ser mapeada até o Movimento do Novo Pensamento, ligado ao sueco Emanuel Swedenborg (1688-1722), místico, vidente, teólogo, filósofo e cientista, que compreendia fé, ciência e poder como coisas entrelaçadas (PAULA, 2018, p. 160). O principal expoente desse novo movimento nos EUA foi Phineas Parkhurst Quimby, que estudou “espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia [...]” (MARIANO, 2014, p. 151).

Para Quimby, as enfermidades e sofrimentos humanos teriam origem em uma forma de pensamento distorcida que os doentes ou portadores de sofrimento tinham. Uma de suas mais proeminentes discípulas foi a Sra. Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã. (PAULA, op. Cit.).

A relação entre Baker e Quimby inicia assim que Baker o procura para fazer um tratamento para uma enfermidade. Encantada com suas teorias sobre o domínio da mente sobre o corpo, ela funda a seita Ciência Cristã (QUIMBY 2017, posição 63).

A principal diferença entre a estrutura de pensamento da Ciência Cristã e do curandeirismo de Quimby é que, enquanto este condiciona a cura do indivíduo à sua própria mente, através de processos hipnóticos, Eddy desenvolve uma doutrina que promete ligar a mente do indivíduo com a mente de Deus, que, sendo bom e todo poderoso, não poderia desejar outra coisa que não fosse à cura daquele que sofre (EDDY, 2015, p. 1).

Assim que a seita Ciência Cristã se estabelece, o fundador da faculdade de Oratória em Boston, Charles Emerson, conhecido por colecionar religiões, desenvolve um sincretismo entre a filosofia da Ciência Cristã e as doutrinas do cristianismo. Sua hermenêutica sincrética influencia um de seus alunos, chamado Essek William Kenyon, que posteriormente seria conhecido como o pai da teologia de afirmação positiva. Nascido em 1867 em Nova York, Kenyon se converteu ao cristianismo com idade entre

15 e 19 anos e pregou seu primeiro sermão em uma igreja metodista em 1892 e, após mudar-se para Boston, estudou na faculdade de Emerson (ROMEIRO, 2019, p. 6).

Com a difusão dessa mistura de Ciência Cristã com cristianismo e fazendo uso de textos bíblicos com interpretações distorcidas, surge então a teologia de afirmação positiva, um conjunto de crenças e afirmações, que defendem ser legítimo ao crente pautar sua vida e fé na busca de resultados financeiros, construir grandes fortunas, em outras palavras, obter o favorecimento divino para a sua vida material ou simplesmente progredir (CAMPOS, 1997, p. 363). É interessante observar que a sua entrada no meio cristão se dá aos poucos, começando com uma ideologia que não possuía qualquer vínculo com o cristianismo, mas que aos poucos vai sendo trabalhada para tornar-se palatável aos cristãos.

Capps (1976, apud ROMEIRO, op. cit., p. 8) conhecido defensor e propagador da teologia de afirmação positiva, reconhece em seu livro, a similaridade dessa teologia com a Ciência Cristã: “Às vezes, quando começo a ensinar sobre isso, as pessoas dizem que parece doutrina da Ciência Cristã”. Uma senhora cutucou o marido numa reunião no Texas (minha esposa ouviu) e disse: “Isto parece Ciência Cristã”.

Além de advogar a favor de uma vida de benefícios e riquezas, a teologia de afirmação positiva defende que uma vida de pobreza ou doenças ou desastres representa falta de fé em Deus ou que seja até mesmo um castigo ou punição por pecados. Também fica clara a responsabilidade humana em tomar posse de suas bênçãos, proferindo voz de comando de acordo com seus anseios para que o mundo espiritual ao ouvir, lhes obedeça. Para sustentar os argumentos fazem uso de textos bíblicos, sendo um dos textos utilizados Provérbios 18.21 que afirma que “a morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto”. Por isso, viver em negatividade, reclamando, agindo de forma pessimista criaria uma condição de agravo de sofrimento para o indivíduo (Id., p. 22).

Com o falecimento de Essek William Kenyon em 1948, sua filha Rute fica encarregada de dar seguimento e publicar os materiais de seu pai. Após algum tempo, todo esse material é desenvolvido e refinado para aperfeiçoamento da doutrina pelo pastor Kenneth Erwin Hagin (Id., p. 8).

Nascido em Mckinney, em 20 de agosto de 1917, Kenneth E. Hagin sofria com uma séria condição cardíaca que fez com que os médicos o desenganassem. Aos seis anos de idade seu pai abandonou sua mãe, o que o levou a desenvolver tendências suicidas. Aos nove anos foi morar com seu avô e pouco antes de completar dezesseis anos, sua condição física piorou drasticamente, fazendo com que ficasse em uma cama.

O ministério de Hagin é marcado por relatos de experiências espirituais. Na primeira delas, ele alega ter sido levado por Deus ao inferno para contemplar os horrores que lá havia e através disso ser coagido a aceitar Jesus. Resistente, Hagin só cedeu à pressão feita por Deus após a terceira visita ao inferno. (Ibid., p. 9)

A segunda experiência de Hagin, foi com um texto bíblico do evangelho de Marcos: “Porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.” (Mc 11.23,24)

Ao longo dos dias que se passaram, Hagin entendeu que esse texto estaria sendo revelado conforme suas experiências do dia a dia, no sentido de que alcançaria a cura se acreditasse que estaria curado antes de realmente ter sido curado. Enquanto isso criava em sua mente diálogos com o diabo, em que ele diria que crer na sua cura não iria funcionar. (Ibid, p. 10).

Esses diálogos são frequentes na obra *“I believe in visions”* de Hagin, e mostram uma mente inquieta em que vozes compreendidas como o Espírito Santo e o diabo, dialogam com ele todo o tempo.

Alguns dias depois de crer que estaria curado enquanto ainda estava paralisado na cama já fazia 16 meses, Hagin testemunha de sua cura milagrosa, que seria fruto de sua fé, e a partir dali, a base de seu sistema de crenças.

O ministério de Hagin iniciou como pregador e depois como pastor batista entre os anos de 1934 até 1937, ano em que alega ter recebido um batismo do Espírito Santo que lhe haveria habilitado falar línguas estranhas. Após essa alegação, Hagin pôde aproximar-se de uma linha teológica muito interessante e em franca expansão, o pentecostalismo, tendo pastoreado várias igrejas da denominação Assembleia de Deus

no estado do Texas entre os anos de 1937 a 1949. Em 1962 Hagin fundou seu próprio ministério, somando experiências de convívio que desenvolveu com William Branham, Oral Roberts, T. L. Osborn e outros vários conhecidos pregadores de cura divina, iniciando em 1974 o centro de treinamento bíblico Rhema em Tulsa (Ibid, p. 11-14).

Esta escola já formou cerca de 6.000 alunos. A revista *Word of Faith* (palavra de fé) do movimento é enviada para 190 mil lares mensalmente e calcula-se que cerca de 20 mil fitas cassete de estudos são distribuídas a cada mês. Já foram vendidos cerca de 33 milhões de cópias de seus 126 livros e panfletos. Os bens da organização estão avaliados em 20 milhões de dólares. (Ibid, p.14).

Com exponencial crescimento e ampla divulgação, era de se esperar que o conjunto de doutrinas, aqui chamada Teologia de afirmação positiva, criado por Essek William Kenyon e desenvolvida por Kenneth Hagin, tenha alcançado solo brasileiro.

### **3. TEOLOGIA COMO REMÉDIO PARA A VULNERABILIDADE SOCIAL**

Para que de forma justa se possa estabelecer o elo entre a teologia brasileira e a chamada teologia de afirmação positiva, é necessário compreender ao menos uma parcela da história e da economia brasileira imediatamente anterior ao estabelecimento desse conjunto de doutrinas.

Se a hipótese da presente pesquisa considera que é possível que a situação econômica do Brasil tenha formatado solo fértil para progressão da teologia de afirmação positiva, se percebe que evento similar pode ser observado em solo brasileiro na década de 1950, muito antes da chegada da teologia de afirmação positiva.

Havia em São Paulo, naquela época, muitos imigrantes que não conseguiam obter o seu sonhado vínculo empregatício. Esses indivíduos se sentiam soltos no espaço urbano, incapazes de viver bem nesse novo contexto. Para eles, os agrupamentos religiosos, com mais força os que prometiam milagres e curas, quer fossem comunidades pentecostais ou pertencentes a cultos afro-brasileiros, serviam como redes de apoio na tentativa de sobreviver ou de aplacar as aflições. (FRY, apud CAMPOS, 2021, p. 123)

O cenário idealizado para esses imigrantes não passou de ilusão e o que encontraram em São Paulo foi rejeição, fome e doenças de um lado, e do outro os mais diferentes cultos religiosos “passando cheques em branco” em nome de seus deuses, com promessas de que seus problemas seriam resolvidos.

Por isso, a cidade de São Paulo se tornou um ambiente propício para a pregação de milagres. Não foi mera coincidência que o padre Donizetti, de Tambaú, realizava milagres, atraindo caravanas de São Paulo, inclusive divulgando-os pelo rádio no final da tarde. Da mesma forma, Manoel de Mello, Eurico Coutinho, Alziro Zarur (Legião da Boa Vontade) e os missionários da Cruzada Nacional de Evangelização atraíam milhares de pessoas. Colocar um copo de água sobre o aparelho de rádio ou apresentar roupas de pessoas doentes em casa na hora da bênção do padre, do pastor, do médium ou de um pai-de-santo era a garantia de que os pedidos seriam atendidos pelas forças sagradas. (CAMPOS, 2021, p. 123).

Nesse cenário de precariedades sociais e com o sucesso das pregações que prometiam cura que os doentes não podiam encontrar no sistema público de saúde, é que surgem as cruzadas nacionais de evangelização, um evento organizado por várias igrejas pentecostais que criam em um avivamento (Ibid., p. 123).

Entre os anos de 1955 e 1958 chega ao solo brasileiro o bispo canadense Walter Robert McAlister, com objetivo de pregar em igrejas da denominação Assembleia de Deus e nas tendas das cruzadas nacionais de evangelização. Fazendo sucesso com suas pregações triunfalistas, de acordo com o site da igreja Nova Vida (NOVA VIDA, 2021), onde tratam a história da denominação, em 1959 McAlister é preso acusado de curandeirismo, o que não o impede de, no ano seguinte, estabelecer residência no Rio de Janeiro.

Com o sucesso de pregações semanais no auditório da associação brasileira de imprensa, ainda na década de 60, McAlister funda uma denominação, a Cruzada de Nova Vida (MARIANO, 2014, p. 52).

Com o estabelecimento de sua denominação, e transmissão de mensagens pelo rádio sempre focadas em cura, a página oficial da igreja Nova Vida (NOVA VIDA, op. cit.) conta que sua audiência era tão expressiva que no primeiro ano, seu programa de rádio teria recebido mais de 12 mil cartas testemunhando sobre curas, o que fez com que o bispo escrevesse um livro com o título “Perguntas e respostas sobre cura divina”.

Ainda na década de 1960 a igreja de McAlister receberia como membro quem, no futuro, seria o grande precursor da teologia de afirmação positiva no Brasil, Romildo Ribeiro Soares, popularmente conhecido como R. R. Soares. E é na igreja Nova Vida que Soares conheceu aquele que seria seu cunhado e companheiro de ministério, Edir Macedo (MORAES, apud SILVA, 2020, p. 282).

[...] depois de sair da Nova Vida e fundar a Igreja Universal com Edir Macedo em 1977, Soares se desligou da mesma devido a divergências internas com Macedo e fundou em 1980 a Igreja Internacional da Graça de Deus, passando a incorporar na década de 1980 as ideias da confissão positiva de Kenneth Hagin provenientes dos EUA. (SILVA, 2020, p. 282)

Seguindo o exemplo de Soares, na década de 80, vários outros pregadores abraçaram a teologia de afirmação positiva. Vale destacar os principais: apóstolo Miguel Ângelo da Igreja Evangélica Cristo Vive, localizada no Rio de Janeiro, a apóstola Valnice Milhomens do ministério palavra de fé, ministério que carrega, em tradução livre ao português, o nome da revista distribuída pelo ministério de Hagin nos EUA (lá chamada *Word of Faith*), e não é sem razão que Milhomens utiliza o mesmo nome. A apóstola frequentou o seminário de Hagin na África do Sul, o *Rhema Bible Training Center*. Cita-se também o Pr. Edson Rebutini da Igreja Bíblica da Paz em São Paulo, o apóstolo Bud Wright, fundador da igreja Verbo da Vida, responsável pela abertura de polos educacionais do *Rhema Bible Training Center* no Brasil.

Outro expoente da mesma linha é o Pr. Silas Malafaia, que além de escrever e publicar livros afirmando os princípios da teologia de afirmação positiva, costuma trazer ao país, representantes dessa teologia, tais como: Morris Cerullo, Mike Murdock, T. D. Jakes, e Creflo Dollar (Ibid., p. 282-283).

É importante observar que o sucesso do estilo de pregação voltada para cura na década de 50 pode ser atribuído em grande parte à vulnerabilidade social da crise de imigração na época. Na década de 80, que é quando Soares como precursor do movimento de afirmação positiva começa sua jornada, seguido dos outros expoentes citados, o país novamente atravessa uma grande crise econômica, mas dessa vez abrangendo não apenas os imigrantes, mas as classes sociais mais baixas, de um modo geral.

De acordo com Ramos (2002, p. 24), o cenário nacional desse momento era de um país que ainda se recuperava de uma chamada era das trevas, que impunha um medo inibidor da pesquisa, do contraponto e do debate sobre a nação. Todo esse medo teve sua origem no regime de governo da ditadura militar, segundo Hermann (2021, p. 49).

O modelo econômico desse período de governo militar ampliava a desigualdade econômica e atendia com satisfação apenas uma parcela da sociedade. “Com relação ao empresariado, não havia motivos para resistência, já que a política econômica do período de 1964-1973 (especialmente a partir de 1968) foi, em geral, favorável aos lucros, em detrimento dos salários” (Id., p. 50).

No início da década de 80, o Brasil havia crescido significativamente como resultado do modelo econômico estabelecido durante a ditadura militar, “o Brasil cresceu extraordinários 10,7% em média ao ano. Em outras palavras, dobrou seu PIB no espaço de sete anos” (GOMES, 2020, p. 41). Ainda assim, esse crescimento econômico não era homogêneo, e não garantia de forma alguma sua distribuição de renda de forma justa.

Nesse mesmo período, tendo uma grande dívida externa, adquirida durante o processo de industrialização, o Brasil sofreu um grande revés, quando o *Federal reserve* (banco central norte americano) decidiu provocar um choque no mercado, elevando drasticamente a taxa de juros, justificando o ato como uma intenção de controlar a inflação interna (Ibid., p. 42).

Esse choque levou o Brasil a mergulhar em uma crise econômica terrível, causando uma recessão no período que compreende 1981 a 1983 (CASTRO, 2021, p. 99).

Ao término da década os indicadores dos níveis de pobreza absoluta mostram uma deterioração significativa da situação econômica das famílias brasileiras, com o percentual de famílias com rendimento inferior a um salário mínimo se elevando de 20,8 [%] em 1979, para 26,5 [%] em 1990. (OMETTO, FURTUOSO, SILVA, 1995, p.6)

Se observa, portanto, que a década de 80 representou para o país um período de intensa crise e ampliação de desigualdades, e é nesse cenário que prosperam as pregações de Soares, que de acordo com Silva (2020, p. 282) entre 1980 e 1990 construiu um império de mídias e empresas religiosas.

Também é aproveitando o cenário propício para estabelecimento de mensagens de afirmação que Valnice Milhomens inaugura seu programa de rádio “A palavra da fé”, pela Rede Bandeirantes, na data de 24/06/1994, de acordo com o site oficial da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo. (INSEJEC, 2020).

Se na década compreendida entre 1980 e 1990 uma parcela de classe mais baixa era afetada pela crise pós-ditadura militar, na próxima década essa crise tomaria proporções ainda maiores, quando o então presidente da república decide pelo confisco de valores em poupança dos brasileiros.

O Plano Brasil Novo – ou Plano Collor, como ficou conhecido – foi lançado em março de 1990, por Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito por voto direto no Brasil em quase 30 anos, tendo como principal marca o inédito confisco das aplicações financeiras privadas por um período de 18 meses. A brusca retirada de moeda de circulação, que fez sumir de um dia para o outro acerca de 75% do dinheiro que irrigava a economia brasileira, provocou uma ruptura não apenas no sistema econômico-financeiro do País, como também nas relações sociais e na cultura econômica vigentes, alterando a dinâmica do cotidiano e do comportamento econômico da população urbana. (ANDOZIA, 2019, p. 1)

Tendo em vista o grande golpe social causado pelos eventos descritos, é possível compreender qual foi o impacto para o cidadão que quando desempregado, doente e com dificuldades para pagar suas contas, ligara a televisão e encontrara o programa de Soares ou Milhomens oferecendo resolução de seus problemas mediante o lançamento de uma palavra de fé. Andozia (Ibid., p. 112) argumenta que “Não eram poucos os que encontravam dificuldades para arcar com as despesas do dia a dia devido à escassez de dinheiro, combinada ao crescente desemprego”.

#### **4. TEOLOGIA DE AFIRMAÇÃO POSITIVA À LUZ DOS ESCRITOS PAULINOS**

De acordo com o Dr. Marlon Fluck (2013, p. 215) a teologia da prosperidade, mãe da afirmação positiva, se estabelece em três pilares, sendo o primeiro, a exigência de direitos individuais, saúde perpétua, abundância material e em todas as áreas da vida do cristão. Sua hermenêutica defende que todas essas coisas estariam disponíveis ao cristão, que teria apenas que tomar posse delas, dando ordens ao mundo espiritual.

Para MARIANO (2014, p. 153) “...o que é falado com fé torna-se divinamente inspirado. Isto é, as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido pela palavra”.

O segundo pilar dessa teologia, ainda de acordo com Fluck (op. cit., p. 215), é exigir coisas em nome de Jesus. A justificativa dessa exigência em nome de Jesus

provém de uma interpretação combinada e distorcida de textos da Bíblia. Os principais nesse ponto são os textos de João 14.13-14 e Filipenses 2.9, em ordem: “E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.” “Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome”. Para a teologia de afirmação positiva, no primeiro texto citado, Jesus estaria prometendo qualquer coisa que fosse pedida em seu nome, sem restrições, e, no segundo, o apóstolo Paulo estaria dizendo que o nome de Jesus está sobre todo o nome, por isso, os adeptos dessa teologia entendem que exigir algo em nome de Jesus seria garantia de sucesso em seu pleito, visto que entendem que Jesus prometeu qualquer coisa que quisessem e que seu nome está sobre todo nome, por isso, qualquer coisa ou força espiritual que tentasse impedir o alcance de sua benção, teria de se opor ao nome de Jesus, o nome sobre todo nome.

O terceiro pilar, para Fluck (Ibid., p. 215), se refere a nunca duvidar da efetividade do processo. Questionar o sucesso do processo seria sinal de evidente falta de fé por parte do indivíduo e suficiente para anular todo seu pleito. É possível perceber por meio desse pilar, que essa seria uma possível escapatória para caso o processo não funcione, culpar o indivíduo e não a teologia por trás do processo.

Em outras palavras, seria o mesmo que dizer ao indivíduo que o processo é infalível, mas se falhar, a culpa é dele. Esse recurso pode parecer malicioso, pois mesmo que de forma indireta, garante que o indivíduo não se decepcione com a teologia de afirmação positiva, ele poderá apenas se decepcionar consigo mesmo ou até com o próprio Deus. Considere-se, por exemplo, um indivíduo que acredita nas afirmações dessa teologia e tem certeza de que não duvidou de que receberia a benção que declarou no mundo espiritual, e que inclusive ficou surpreso quando seu pleito não foi atendido. Este poderá concluir que o culpado é Deus, que através do pregador lhe prometeu algo, mas não cumpriu.

Para ROMEIRO (2019, p. 41), “infelizmente a confissão positiva prepara seus adeptos para a prosperidade e se esquece de prepará-los para as adversidades da vida, que poderão vir, na maioria das vezes, de forma inesperada.”

Analisar as promessas da teologia de afirmação positiva de forma imparcial se torna desafiador ao considerar suas afirmações. Uma das formas de se fazer isso seria analisando individualmente cada versículo, que isolado de seu contexto é utilizado como pretexto, para tentar dizer aquilo que se deseja crer. Em função da brevidade da presente pesquisa não será possível desenvolver tal análise com a fidelidade exegética que esta merece. Ainda assim, uma prova mais fiel e prática, poderá ser feita, analisando suas promessas já mencionadas, e qual a sua aplicação na vida de um expoente do cristianismo: o apóstolo Paulo. Este, durante o que ele descreve como um momento de aflição, ensina aos Filipenses:

Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade. Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece. Todavia fizestes bem em tomar parte na minha aflição. (Filipenses 4.11-14)

Através da carta de Paulo, se percebe que o mesmo não considera que sua caminhada na fé seja uma escalada de sucesso, mas uma variável. E que o mesmo, além de estar aflito, havia aprendido a viver com muito, mas também com pouco, inclusive com fome, algo que para a teologia de afirmação positiva seria inadmissível.

E agora, compelido pelo Espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, Senão o que o Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas de nada faço questão, nem tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus. E agora, na verdade, sei que todos vós, por quem passei pregando o reino de Deus, não vereis mais o meu rosto. (Atos 20.22-25)

Mais uma vez, na fala do apóstolo Paulo, percebe-se que o sofrimento não seria sequer uma eventualidade na vida do cristão, mas uma consequência à pregação do evangelho, e que deveria ser enfrentado de frente, mesmo que lhe custasse a vida, se através disso o evangelho pudesse ser pregado. Certa vez ouvi um teólogo dizer que se prosperidade e abundância fossem sinal de agrado ou aprovação de Deus, então teríamos que concluir que Deus teria odiado o apóstolo Paulo.

Novamente, nota-se, através do conselho do apóstolo para a igreja de Corinto, uma exortação a como lidar com o sofrimento:

Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; por que as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. (2 Coríntios 4.16-18).

Se por um lado conclui-se que o apóstolo demonstra a presença do sofrimento no cotidiano do cristão e o encoraja a seguir sem desistir, de outro, ele não invalida as tão desejadas promessas da teologia de afirmação positiva, apenas as posiciona no futuro, não terreno, e evidencia isso comparando o mundo de hoje com coisas temporais e o reino futuro de Deus, onde os cristãos gozarão dessas promessas, com a eternidade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando os dados econômicos apresentados na pesquisa, suas consequências na sociedade brasileira, principalmente os problemas sociais desenvolvidos e o sucesso das teologias que propunham solução para questões que seriam de responsabilidade do Estado, se considera que, em alguma parcela, a situação econômica e social de um país possa influenciar na teologia que esse povo deverá acreditar.

Essa influência social na interpretação da teologia não é mal vista, inclusive é necessária, afinal, não há porque buscar na religião resposta para problemas que não sejam aqueles que são vividos, e a bíblia permite ao teólogo fazer essa aplicação correta independente do momento histórico em que esteja. Entretanto, existem métodos para que a aplicação das verdades bíblicas seja feita sem que haja comprometimento de outras verdades bíblicas tão importantes quanto as que se pretende alcançar. Em outras palavras, não se pode fazer afirmações com base na Bíblia, em que se busque encontrar conforto, mas que coloquem contradição nos textos. As promessas de Deus e linhas do tempo devem ser respeitadas pois, como um bom relógio, funcionam com engrenagens que, se deslocadas, prejudicarão todo o seu funcionamento.

Também foi percebida, não se sabe se realizada de forma maliciosa ou por falta de conhecimento, a aplicação isolada de textos bíblicos com intuito de fundamentar discursos convenientes à teologia de afirmação positiva. Há quem diga que “o que começa errado termina errado” não se considera a frase como uma verdade absoluta, mas se pode observar que no caso específico da teologia de afirmação positiva que tem seu início no cristianismo por uma hermenêutica problemática e sincrética com as crenças da seita Ciência Cristã, essa seria sim uma verdade.

A presente pesquisa também pode servir como um alerta para o apego a teologia saudável a fim de não deixar os cristãos brasileiros vulneráveis às tão frequentes crises políticas e econômicas que o país enfrenta. Percebendo a adaptação e manipulação dos textos bíblicos nos dois momentos de crise mencionados, se imagina qual seria a próxima teologia a arrebanhar a igreja brasileira considerando a presente crise.

É possível então concluir que, com base nos anseios da teologia de afirmação positiva à luz dos textos paulinos, as doutrinas defendidas por essa teologia são incompatíveis com a vida do cristão no momento presente. As promessas de abundância, descanso e felicidade plena existem sim, mas estão reservadas para a eternidade da igreja de Cristo.

## REFERÊNCIAS

ANDOZIA, Francine, De Lorenzo. **Passaram a mão na minha poupança**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, p. 1-112, 2019.

BARROS, José D'Assunção. **Heresias: Considerações sobre a história de um conceito e sobre as discussões historiográficas em torno das heresias medievais**. Fronteiras; revista de história da Universidade federal da grande Dourados (UFGD). Rio de Janeiro, p. 33-39, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Dicionário e concordância**. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada, 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

CAMPOS, Leonildo S. **Igreja apostólica: da “tenda de Deus para a salvação e cura” à “igreja da Santa vó Rosa” Mutações religiosas (1954-2020)**. Horizonte; Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Belo Horizonte -MG, Vol. 19, Ed. 59, p.114-148, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000500011>>.

CAMPOS, Leonildo S. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

EDDY, Mary Baker. **A ideia que os homens têm de Deus: Seus efeitos sobre a saúde e o cristianismo**. Boston – Massachusetts: Conselho de diretores da Ciência Cristã, 2010.

FLUCK, Marlon R. **História e teologia do cristianismo brasileiro**. Curitiba: Cia de escritores, 2013.

GOMES, Ciro. **Projeto nacional: O dever da esperança**. São Paulo: LeYa Brasil, 2020.

INSEJEC, **Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo**. Valnice Milhomens. Publicado em 2020. [Acessado em 14 de junho de 2022], Disponível em: <https://insejecsjc.com.br/valniceort>

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo brasileiro**. São Paulo: Loyola, 2014.

NOVA VIDA TIJUCA, **História da igreja de Nova Vida**. Publicado em 2021. [Acessado em 14 de junho de 2022], Disponível em: <https://www.novavida.org.br/historia-da-igreja-de-nova-vida>

OLSON, Roger E. **Cristianismo falsificado: A persistência de erros históricos na igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

OMETTO, Ana Maria H; FURTUOSO, Maria Cristina O; SILVA, Marina Vieira da. **Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população**. Revista de Saúde Pública. 1995, v. 29, n. 5 pp. 403-414.

QUIMBY, Phineas P. **The Quimby Manuscripts**. Ebook em inglês; Gianluca, 2017.

REIS, Edilberto C. **Visitas e cartas pastorais: a construção de um projeto eclesial**. Revista brasileira de história das religiões. Maringá (PR), V III, nº 9, 2011.

ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes: O evangelho segundo os profetas da prosperidade.** São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

SILVA, Marlon A. Nunes. **A teologia da confissão positiva e o American Way of Life no Brasil: uma leitura a partir do conceito de identidade em Stuart Hall.** Temporalidades; Programa de Pós-graduação em História da Universidade federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte – MG, Vol. 12, Ed. 33, p. 272-298, 2020.

# JOÃO BATISTA NA HISTÓRIA DA REDENÇÃO: UMA ANÁLISE EXEGÉTICA DE MATEUS 11:7-15

Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza<sup>1</sup>

Vinícius Barreto Machado <sup>2</sup>

## RESUMO

Os cuidados para não atribuir a um texto antigo significados que não eram pretendidos em sua origem extrapolam em muito a leitura comum do mesmo. Problemas como anacronismos e interpretações equivocadas são bastante frequentes no que se refere a escritos centenários, ou, no caso da Bíblia, milenares, e devem ser evitados por meio de uma adequada observação de seu contexto e significado. Este artigo tem como objetivo demonstrar uma análise aprofundada da passagem encontrada em Mateus 11:7-15, na qual Jesus defende o caráter de João Batista diante da multidão enquanto sinaliza o Reino dos Céus. Utilizando ferramentas de análise textual, como a exegese, buscou-se aproximação do sentido pretendido por Jesus em seu discurso. Com tais esforços, o foco não se limitou-se apenas à mensagem de Jesus em relação a João, mas também abrangeu as implicações teológicas e práticas presentes nesse discurso. Espera-se, com base na apresentação exegética da perícopa selecionada, proporcionar uma perspectiva mais coerente para a compreensão desse trecho bíblico, uma vez que, ao evitar interpretações superficiais ou descontextualizadas, é possível captar de forma mais precisa a mensagem original de Jesus e sua relevância tanto para o contexto histórico quanto para a vida cristã contemporânea.

**Palavras-chave:** Evangelho de Mateus; João Batista; Reino dos Céus.

## ABSTRACT

The precautions to avoid attributing meanings to an ancient text that were not intended in its original context go far beyond the common reading of it. Problems such as anachronisms and misguided interpretations are quite common when dealing with centuries-old writings, or in the case of the Bible, millennia-old, and they need to be avoided through proper observation of their context and meaning. This article aims to demonstrate an in-depth analysis of the passage found in Matthew 11:7-15, in which Jesus defends the character of John the Baptist before the crowd while he signalizes the Kingdom of Heavens. By utilizing textual analysis tools such as exegesis, an attempt was made to approach the original intended meaning of Jesus in his discourse. With these efforts, the focus was not limited solely to Jesus' message regarding John but also encompassed the theological and practical implications present in this discourse. Based on the exegetical presentation of the selected pericope, it is hoped to provide a more coherent perspective for understanding this biblical passage, as avoiding superficial or out-of-context interpretations enables a more precise grasp of Jesus' original message and its relevance both to the historical context and contemporary Christian life.

**Keywords:** Gospel of Matthew; John the Baptist; Kingdom of Heaven.

## 1. INTRODUÇÃO

A tarefa de interpretar apropriadamente um texto sempre traz consigo seus desafios, podendo ser ainda mais árdua e passível de erro quando realizada sem a aplicação das ferramentas adequadas de interpretação e análise do trecho em questão. Por ferramenta adequada de interpretação, entende-se a análise textual através da Exegese, definida por Wegner (1998, p. 11) como o ato de interpretar e explicar um ou mais textos encontrados na Bíblia. Ou ainda, como apresentação, descrição, narração – ou explicação, interpretação – todos estes, possíveis significados da palavra em sua origem (grego) *exegesis*. Outra definição também pode ser dada como “a tentativa de escutar a Palavra do mesmo modo que os destinatários devem tê-la ouvido; descobrir qual era a intenção original das palavras da Bíblia”. (FEE, 2011, p. 31).

No intuito de reafirmar a eficácia e precisão de tais ferramentas, bem como de realizar análise aprofundada de uma perícopes das Escrituras Sagradas, este trabalho se propôs à tentativa de interpretar mais acertadamente a passagem encontrada em Mateus 11:7-15, quando Jesus, após a visita dos discípulos de João Batista, se dirige à audiência ao seu redor de forma didática, corrigindo a perspectiva que muitos tinham sobre a figura do profeta do deserto.

## 2. ANÁLISE TEXTUAL E LITERÁRIA

A perícopes selecionada para este trabalho teve seu destaque a partir do processo de observação da continuidade textual de elementos como personagens, cenário, gênero, assunto, etc. Este processo teve sua realização respeitando a definição de Osborne (2009, p.185) para perícopes como sendo uma microunidade textual que possui introdução, ponto desenvolvido e conclusão, e que afeta, com sua argumentação, o raciocínio ou imaginação do leitor de forma convincente ou persuasiva.

Tendo em vista que este trabalho se propôs a compreender de maneira mais profunda a fala de Cristo sobre João Batista, sua existência como cumprimento daquilo que havia sido profetizado sobre um precursor do Messias, e seu papel no prenúncio do

Reino dos Céus, as análises contidas aqui se limitarão à perícope entre Mateus 11:7 a Mateus 11:15, que dá enfoque ao discurso de Jesus sobre João após ter despedido os discípulos do mesmo, e se encerra quando o mestre sutilmente muda o objeto de sua fala, e passa a tratar sobre a incredulidade de sua geração. Esta escolha apoia-se em comentaristas como Matthew Henry (2004, p. 40) e Donald A. Carson (2010, p. 313), que também optam por esta segmentação em suas obras.

## **2.1. Análise de Gênero Literário**

No intuito de facilitar a compreensão da análise literária da perícope selecionada, as definições e nomenclatura de “Gênero Maior” e “Gênero Menor” encontrada em Wegner (1998, p. 181) foi adotada neste trabalho. O gênero maior, no caso do texto de Mateus, é facilmente identificado por sua própria definição no texto sagrado: Evangelho. Os textos designados como Evangelho, amplamente aceitos pela Igreja Cristã como contidos nos quatro primeiros livros do Novo Testamento, têm em sua natureza a apresentação simultânea do registro de fatos acerca de Jesus, da divulgação de seus ensinamentos, e da revelação de seu testemunho, e trazem estes conteúdos, à grosso modo, no formato de ditos e narrativas, devendo sua interpretação ser conduzida conforme estes formatos (FEE, 2011, p. 153).

A caracterização de gênero menor não apresentou a mesma unanimidade e consenso entre autores da análise acima, embora determinados padrões e semelhanças textuais inclinam-se naturalmente à classificação do trecho selecionado como um Apotegma Didático. Em outras palavras, trata-se de uma narrativa que se concentra ao redor de um pronunciamento de Jesus, bastante semelhante às anedotas de filósofos ou santos, tendo como objetivo de seu discurso central, o esclarecimento e orientação de sua audiência. (WEGNER, 1998, p. 185).

## **2.2. Análise de Contexto Literário**

A passagem selecionada, que retrata o discurso de Cristo em defesa àquilo que representava a pessoa de João Batista, encontra-se em uma seção do primeiro

evangelho sinótico destinada a demonstrar a hostilidade crescente do povo e dos líderes judeus para com Jesus, sua mensagem e seus seguidores. Carson (2010, p. 76) e Radmacher (2010, p.12) enquadram esta seção no contexto maior de Mateus 11:2 e Mateus 13:53, nomeando-a, respectivamente, como “O ensinamento e a pregação do evangelho do reino: surgimento de oposição” e “A oposição de Jesus”.

Esta distinção pode ser verificada na observação do texto bíblico. Nos capítulos 9 e 10 de Mateus, prévios ao trecho delimitado acima, o evangelista relata diversos eventos miraculosos e instruções aos discípulos, lista o nome dos apóstolos, e narra o seu próprio chamamento. Temática esta um tanto quanto divergente com a de Mt 11:2 a 13:53. E posteriormente, no capítulo 14, a apresentação de sinais milagrosos retorna a aparecer no texto evangélico, junto com a narrativa da morte do profeta batista, dando indícios, novamente, de mudança de tema e começo de uma nova seção.

Restringindo a análise ao capítulo 11, nota-se que o discurso realizado por Jesus dos versos 7 a 15, em defesa da confiabilidade e essência do ministério de João Batista como aquele que prepararia o caminho para a vinda do Senhor, é diretamente relacionado às suas passagens vizinhas. Este trecho tem seu prólogo (v.1) na informação de que Jesus continuará seu ministério, logo após os eventos de Mateus 10, dando foco na pregação das Boas Novas nas cidades de origem dos doze apóstolos. O segundo versículo, em contrapartida, tem a incumbência de dar início à narrativa envolvendo João Batista, dado como encarcerado, e sua necessidade de confirmação de Jesus como sendo o Messias aguardado. Para tal, o profeta teria enviado seus discípulos para questionarem o mestre galileu, e este evento (v.3~6) teria, possivelmente, instigado algumas dúvidas em meio ao povo sobre o caráter de João Batista e a validade de suas realizações, o que seria motivo para a fala instrutiva de Jesus (v.7~15).

Os versos seguintes, de 16 a 24, se apoiam na natureza defensiva do discurso do messias, mas mudam de tonalidade, sendo claramente caracterizados como uma exortação direcionada à incredulidade da geração vigente e das cidades Corazim, Betsaida e Cafarnaum, que teriam conhecido de perto o Filho do Homem e seus milagres, e mesmo assim não teriam crido nele. Aqui, João Batista é novamente citado,

mas apenas de modo a comparar a postura incoerente do povo em frente àqueles que Deus enviou (v.18-19).

O encerramento do capítulo 11 faz, em contraste à oposição evidenciada nos versos anteriores, defesa ao sucesso garantido do ministério de Jesus, de sua pessoa, e de seu chamado. Isto se dá por meio de um agradecimento público do Filho para o Pai por Sua obra manifesta aos homens e revelada estritamente de acordo com a Sua vontade (v.25, 27). Adiciona-se ainda ao capítulo, um epílogo em forma de convite, direcionado a todos os “cansados e sobrecarregados” (v.28) para que venham até o Cristo de Deus, aprendam dele, e assim encontrem descanso para suas almas, mais uma vez confirmando Jesus como aquele que deveria ser adorado e não, combatido.

### **3. ANÁLISE DE CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL**

Conforme Gorman (2017, p. 82), a qualidade das perguntas de um pesquisador ao texto, bem como sua capacidade de tratar os assuntos essenciais ali contidos, é diretamente proporcional à quantidade de conteúdo corretamente absorvido sobre o contexto histórico, sociopolítico e cultural do escrito em questão. Logo, questões como autoria, data e local de escrita, destinatários e propósito do documento, e cenário sociocultural da época são fundamentais para um desenvolvimento exegético acurado.

#### **3.1 A Autoria do Evangelho**

A despeito de o primeiro livro do Novo Testamento ser designado como de Mateus, assim como nos outros evangelhos, a autoria aqui é anônima. Não há no texto menção direta ou indireta ao nome de seu autor. Ainda assim, conforme Lopes (2019, p. 17), reconhece-se desde a patrística que o Apóstolo antes considerado entre os cobradores de impostos, Mateus (ou Levi), teria composto aquele que é considerado por alguns críticos como o livro mais importante já escrito.

D.A. Carson (2010, p. 34) compila algumas das principais objeções que tem surgido à autoria apostólica do livro em questão. Entre estas, as mais observadas seriam: a possibilidade de o texto ter sido baseado em outras fontes que não o

testemunho ocular apostólico; a qualidade rebuscada do grego adotado pelo texto; a estrutura sistemática anacrônica ao estilo de escrita judeu da época. Contudo, a argumentação contra a autoria de Levi não é convincente, substancial ou conclusiva o bastante.

Já a adoção unânime da mesma autoria citada anteriormente por parte da igreja primitiva é evidentemente sólida e bem suportada. Não somente o Apóstolo Mateus teria feito os mesmos registros sobre o ministério terreno de Cristo, como também teria utilizado o Hebraico em seus escritos em primeiro momento, fazendo a organização e tradução do material para o Grego apenas anos depois (conjectura-se que após Marcos ter elaborado sua obra). Por esta razão, a aceitação de Mateus como o autor do primeiro material evangélico continua bastante notória no meio acadêmico. (HORSTER, 1996, p. 23)

Mateus teria sido um judeu de Cafarnaum nascido por volta do primeiro século, caracterizado como publicano por seus serviços prestados na cobrança de impostos, e em função disso, sujeito e submisso ao governo romano, e detestado pelos seus conterrâneos. (HENRY, 2004, p. 1443). Dentre os discípulos de Jesus, em sua maioria, pescadores, Mateus possivelmente teria se destacado por suas habilidades de anotação e registro de fatos e acontecimentos, o que daria suporte aos argumentos em favor da veracidade e precisão das narrativas e discursos contidos no primeiro texto sinótico. Além destas informações, pouco é sabido de maneira concreta sobre a pessoa do Apóstolo Mateus.

Sobre a data de autoria do Evangelho de Mateus, uma hipótese vem ganhando força nas últimas décadas localizando sua composição em tempo anterior ao ano 66 d.c. (diferente da ideia de autoria mais tardia). Sua justificativa se dá na plausível impossibilidade de a escrita de versos como Mt 24:15 – *Quando, pois, vocês virem...* – ou Mt 24:20 – *Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem no sábado* – que muito provavelmente fazem previsão sobre a destruição de Jerusalém, ter precedido o ano em que o epicentro da comunidade judaica tenha encontrado seu último final. (RIENECKER, 1998, p. 15)

Harrison (2019, p. 2) reafirma a dificuldade de o primeiro texto sinótico ter sido escrito após a sétima década do Século I, tendo em vista que “não encontramos nele

nenhuma indicação de que Jerusalém estivesse em ruínas (sendo claramente proféticas todas as predições de sua destruição)”, e reforça a antiguidade do livro por suas numerosas citações e alusões encontradas em escritos primitivos da Igreja como a Didaquê, as Epístolas de Barnabé, e documentos de Inácio, Justino Mártir, e outros.

Já sobre o local de sua autoria, pouco se sabe conclusivamente, apesar de muitos assumirem como sendo Antioquia, especialmente por ter sido Inácio o primeiro a fazer referências claras ao texto de Mateus. Ainda assim, Carson (2010, p. 40) reitera que a única conclusão de maior precisão que pode ser inferida é a de que o livro tenha sido elaborado em algum lugar da província romana da Síria, e que devido à possibilidade do caráter itinerante do evangelista, não se pode afirmar com exatidão a localidade de sua compilação.

### **3.2. Destinatários e Propósitos Centrais do Livro**

O Evangelho de Mateus, segundo Lopes (2019, p. 21) foi destinado pela pena do apóstolo aos judeus crentes da província romana da Síria, objetivando a confirmação de Jesus como o Messias prometido pelas Escrituras, e o auxílio da comunidade da fé na vivência piedosa em meio à resistência, e até perseguição, de seus compatriotas inconvictos. Hörster (1996, p. 24) adiciona à esta hipótese, afirmando que “Os primeiros leitores desse evangelho eram cristãos-judeus familiarizados com os costumes judaicos e com o AT. O seu objetivo era mostrar e demonstrar aos seus patrícios que Jesus era o Messias de Israel.”

Hendriksen (2001, p. 104) segue linha de raciocínio similar à supracitada, afirmando que ao endereçar seu livro ao povo judeu de fala grega na Síria, o objetivo do autor seria ganhar para Cristo os não-convertidos e fortalecer aqueles que já haviam sido convencidos das Boas Novas. É importante salientar, no entanto, que assim como a localidade de autoria do livro é incerta (vide tópico superior), a comunidade judaica específica que o evangelho em questão foi endereçado originalmente também não pode ser facilmente determinada de forma conclusiva. (CARSON, 2010, p. 40).

Tratando sobre o entendimento dos propósitos e temas centrais como parte da hermenêutica, Osborne (2009, p. 45) afirma que não se deve estudar qualquer trecho

das Escrituras sem uma noção básica dos problemas, situações e temas tratados no livro como um todo, sendo muito mais fácil interpretar adequadamente as particularidades de certas afirmações quando um panorama mais amplo delas é observado. E assim como todo outro documento do texto bíblico, o Evangelho de Mateus possui ênfases e propósitos específicos, sendo a compreensão precisa destes de altíssimo valor para a análise exegética das narrativas e discursos nele contidos.

Hernandes Dias Lopes (2019, p. 24) classifica as principais ênfases do primeiro evangelho em oito afirmações. O apóstolo Mateus teria: escrito primordialmente para judeus; enfatizado Cristo como rei; apresentado interesse na igreja; dado destaque ao reino dos céus; evidenciado os ensinamentos de Jesus; indicado a segunda vinda de Cristo mais do que qualquer outro evangelista; destacado a universalidade das boas novas; e dado lugar de importância aos debates de Jesus com os religiosos de sua época. Destas afirmações, no entanto, a segunda seria a que mais caracteriza o livro como um todo. Isto é, Cristo como Rei.

Apoiando a ideia da realeza de Jesus Cristo como foco primeiro na obra de Mateus, Tasker afirma:

“...é evidentemente muito relevante descrever o Evangelho de Mateus como sendo o evangelho apologético, litúrgico e eclesiástico. Mas se procurarmos um adjetivo único para descrever sua característica dominante, talvez o que melhor corresponda ao nosso propósito seja a palavra ‘Real’.” (TASKER, 2006, p.15)

A clareza da ênfase de Jesus como sendo o Rei que viria trazer vitória para o povo de Israel é facilmente encontrada em Mateus, já que permeia todo o primeiro sinótico, tanto em versos, quanto conceitualmente. Algumas referências diretas ao conceito da realeza de Cristo podem ser observadas em Mt 1:1-7; Mt 2:2; Mt 21:11; Mt 25:31-46.

### **3.3. Contexto político-religioso da época**

O encerramento da Bíblia hebraica se dá com o povo da Judeia submetido ao governo do Império Persa. Segundo o relato bíblico, todo o poderio do reinado de Israel havia sucumbido à povos pagãos como execução da Ira Divina, devido à idolatria e

corruptibilidade de seu povo e seus governantes. Contudo, no contexto do Novo Testamento percebe-se a dominância de outro império – o Romano, que se estabeleceu logo após o período de dominação macedônica (e outros grupos de menos expressividade) sobre a região da Palestina. Ou seja, no período desde o cerco de Jerusalém (586 a.c.) até o período de escrita do Evangelho de Mateus (vide seção anterior), o povo judeu havia sofrido numerosas incursões belicosas, filosóficas e culturais de nações próximas, e já havia em muito, se distanciando de sua essência veterotestamentária. (BRUCE, 2019, p.15).

No intuito de explicar os desdobramentos religiosos de cada um dos períodos de domínio estrangeiro do povo judeu, Radmacher (2010, p.2) dividiu o aproximado meio milênio intertestamentário em seis eras: era persa (536 até 336 a.C.), era grega (até 323 a.C.), era egípcia (até 198 a.C.), era siríaca (até 165 a.C.), era macabeia (até 63 a.C.), e a era romana, vigente no Novo Testamento. Dentre os principais desenvolvimentos que impactaram o cenário político-cultural da Judeia neste período, pode-se destacar o surgimento das sinagogas e do templo de Samaria, a disseminação da fala e escrita grega, a helenização da cultura judaica, e a criação dos grupos político-religiosos fariseus, saduceus, zelotes, herodianos e essênios (por mais que estes últimos não respondiam diretamente na esfera pública, expressando suas posições na adoção da vida monástica).

Vale ressaltar que apesar de boa parte do Evangelho de Mateus ser direcionada a fazer referência aos embates de Jesus com alguns dos grupos listados, no caso da perícopese selecionada, Cristo dirige seu discurso à uma audiência geral, não excluindo ou incluindo de forma direta críticas a um grupo específico.

Neste ínterim de controle estrangeiro e descaracterização cultural e religiosa, o povo judeu passou a ansiar cada vez mais pelo cumprimento das promessas de reedificação da casa de Davi e restauração de sua glória, realizada através de um segundo Davi mais importante, bem como da chegada do dia de Yahweh, quando se consumaria a vitória do Deus de Israel sobre seus inimigos e a segurança e bem-estar de seu povo estariam garantidos. Contudo, F.F. Bruce (op. cit., p. 135) defende que o sentimento por este Messias que haveria de vir em nada se parecia com uma expectativa espiritualizada, mas sim como a esperança por um príncipe da Casa de

Davi que daria fim permanente ao jugo opressor que pesava sobre Israel. Apenas dentre uma minoria silenciosa, habitava e vocalizava-se vez ou outra, uma espera por uma transformação a níveis espirituais.

Kraybill (2017, p. 91) suporta o argumento de que o povo de Israel estava distante de esperar por um libertador que não fosse literal, revolucionário e que fosse despedaçar o império inimigo opressor, e ainda coloca em evidência que, independentemente das divergências políticas e opiniões distintas sobre como Deus realizaria seus planos redentores, os diferentes grupos religiosos vigentes na época concordavam com a premissa de que haveria de vir um messias que colocaria ordem na palestina e expulsaria os inimigos de Israel.

Logicamente, o *modus operandi* de Jesus e sua mensagem ácida para o ouvido de alguns diferiu radicalmente do personagem esperado, e gerou resistência crescente à medida com que se tornava conhecido o ministério do galileu até então desconhecido, filho de carpinteiro.

Se faz necessário adicionar que, em meio às profecias supracitadas, é possível perceber referência a um mensageiro que precede a vinda vitoriosa de Yahweh, servindo de prenúncio para Sua chegada. As passagens bíblicas mais comumente relacionadas a este precursor estão em Malaquias 3:1-2 e Isaías 40:3.

#### **3.4. A figura de João Batista**

Considera-se essencial para a compreensão do texto em questão ao menos uma análise *en passant* sobre um de seus personagens centrais – o profeta batista. Webb (1991, p. 20) destaca que, apesar de ser uma figura precursora que fica à sombra do ministério de Jesus, a importância de João Batista na mensagem cristã é nitidamente evidenciada na presença do personagem em todos os textos evangélicos, e em seus apontamentos e similaridades para com a práxis do Messias.

O nascimento de João, assim como o de seu primo Jesus, possui relato bíblico e gerou determinada comoção por parte de alguns. Este evento miraculoso foi anunciado angelicamente à Zacarias, sacerdote justo perante Deus e pai de João, juntamente com Isabel, sua esposa estéril, conforme o texto Lucano. Ao celebrar a vida

de seu filho recém-nascido, Zacarias irrompe, cheio do Espírito Santo, em uma canção de adoração a Deus por Suas promessas de libertação do Seu povo, profetizando, em meio ao cântico, que João seria o mensageiro precursor profetizado séculos antes – aquele que prepararia o caminho do Senhor (Ml 3:1; Is 40:3). Esta proclamação é confirmada por Marcos no princípio de seu evangelho (Mc 1:2) e também reafirmada por Cristo em sua defesa do caráter do profeta (Mt 11:10; Lc 7:27).

Ainda sobre cumprimentos proféticos em João Batista, a figura de João é correlacionada, em diversos momentos do Novo Testamento, com o envio de Elias anunciado por Malaquias (Ml 4:5-6). As similaridades entre o ministério de João e de Elias são muitas. Assim como Elias, João: era um proclamador do arrependimento para o povo de Deus; teve aparição repentina no cenário profético da época; era incisivo em sua mensagem; e vivia uma simplicidade extremada (HENDRIKSEN, 2001, p.695). E apesar da negação de João (Jo 1:21), esta afirmação é divulgada e aceita por Jesus (Mt 11:14), pelos discípulos (Mt 17:13), e pelo próprio anjo que pressagiou o seu nascimento (Lc 1:17). De fato, mesmo não sendo literalmente Elias, João se manifestava no espírito e no poder do mesmo, como prenunciado pelo anjo a Zacarias.

Acerca dos anos subsequentes ao seu nascimento, muito se presume sobre a vida de João, apesar da escassez de informações sobre tal nas Escrituras. A principal teoria é a de que ele teria acompanhado a comunidade dos Essênios, e até feito parte da mesma. Esta linha interpretativa ganhou força especialmente após o achado dos Manuscritos de Qumran, conectando o estilo de vida ascético, a habitação no deserto, e a prática do batismo de João, ao grupo supracitado. Contudo, Taylor (1997, p. 48) defende que as diferenças gritantes no teor da mensagem de ambos (ênfase na utilização distinta de Is 40:3), dissemelhanças no significado do batismo, e o padrão de vida bastante particular e peculiar de João tornam inviável a interpretação de uma relação direta entre o profeta batista e a comunidade essênia, seja durante ou anterior ao seu ministério.

A pregação e o batismo de João atraíram muitos nas imediações do Rio Jordão que ansiavam pelo fim do silêncio profético e buscavam consolo nos antigos oráculos de um reinado vindouro sobre Israel (Mt 3:5). Muitos se aproximaram o suficiente para serem chamados discípulos do profeta batista, assumindo suas práticas de piedade (Mc

2:18), e alguns destes se tornaram seguidores de Jesus logo em seguida, tal como André (Jo 1:40). Até mesmo os fariseus e saduceus apresentaram curiosidade e interesse no ministério de João antes de serem repreendidos por ele, tendo suas intenções no batismo e seu comportamento perante a lei divina questionados.

A localização espacial e temporal de João na história da redenção também agrega informações importantes sobre o seu ministério. Em Lucas 3:2 é possível perceber que João Batista é enviado por Deus à uma nação submetida ao opressor domínio Romano sob as mãos de Pôncio Pilatos e da dinastia Herodiana. Além disto, o alto sacerdócio da época se realizava em Anás e Caifás, apesar deste duplo sacerdócio não hereditário não estar de modo algum alinhado aos mandamentos do Senhor. Rienecker (2005, p.52), sobre o assunto, afirma que “quando o evangelista cita dois sumo sacerdotes, isso também assinala o desgaste do governo religioso, pois, de acordo com a lei, somente um sumo sacerdote podia exercer o mandato”. Neste íterim de muitas autoridades, mas nenhuma em acordo com a vontade do Senhor, Deus decide enviar sua mensagem não aos sacerdotes, mas a um humilde profeta no deserto, e isto por si só já é uma denúncia da corruptibilidade do povo judeu, e a importância do profeta batista para o cumprimento da promessa messiânica (WIERSBE, 2007, p. 227).

#### **4. ANÁLISE SEMÂNTICA**

Assim como a análise dos contextos literário e histórico-cultural é importante para o entendimento adequado de um escrito, especialmente no que tange textos antigos, analisar semanticamente cada termo utilizado, buscando compreender seu significado original e adquirido, é parte essencial nos processos de interpretação. Por esta razão, evidencia-se adiante os termos que mais se destacaram na perícópe de Mateus 11:7-15 tanto por sua importância para a compreensão geral da passagem, quanto pelo número de discussões ao redor de seu significado em símbolo, sentido e referência.

##### **4.1. “Caniço agitado pelo vento”**

Jesus, ao perceber as aparentes dúvidas da multidão sobre o caráter de João Batista, pergunta se sua audiência havia ido até o deserto ouvir um “κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενον” – um caniço (ou junco) agitado pelo vento (Mt 11:7). De acordo com F.F. Bruce, a multidão, apesar de não compreender a mensagem de João com exatidão, “entendeu que ele estava, de alguma forma, desapontado com Jesus. Jesus o defendeu da possível acusação de inconstância e leviandade. Ele somente estava sendo leal à mensagem que tinha sido confiada a ele” (2019, p. 1571).

Hendriksen (2001, p. 687) assume posição similar em seu comentário bíblico, entendendo que tal pergunta retórica de Jesus apenas denuncia que a audiência havia concluído, após o questionamento dos discípulos de João, que este seria uma pessoa leviana e vacilante, desabonando todo seu ministério até então por uma única ocasião mal compreendida. E esta fraqueza na conclusão pública da imagem de João seria o principal motivo do posicionamento assertivo do Messias em defesa do profeta precursor.

#### **4.2. “Muito mais do que um profeta”**

Transliterado do grego *perissoteron prophētou*, a expressão em questão não apenas se utiliza da palavra profeta, referenciada com alto rigor pelas Escrituras, mas ainda adiciona um caráter de maior excelência. De acordo com Kittel (2013, p. 323), *prophētēs* (ou profeta) encontra seu sentido em “aquele que proclama” ou “aquele que prediz”, trazendo referência usualmente religiosa, relacionada ao indivíduo que media o divino e o humano, podendo ainda servir como título ou ofício. Já *perissoteron*, de acordo com o Léxico de Strong (2002, p. 1590), significa-se em abundância, sobreposição, superioridade, caráter mais extraordinário. Sobre João Batista ser maior do que os profetas que o precederam, Carson (2010, p. 315) defende que apenas João serviu como precursor imediato do Messias, apontando o mesmo pessoalmente e preparando o caminho para sua vinda. Além do mais, ele também faz parte do cumprimento de profecia, diferentemente de todos seus antecessores.

### **4.3. “Ninguém maior do que João”**

Seguindo a ideia de João ser mais excelente do que um profeta, logo após citar a profecia de Malaquias 3:1, Cristo continua sua defesa da figura batista expondo que “entre os nascidos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Batista” (Mt 11:11). Aqui, a tradução para o português não abre muita margem para derivações de sentido, mas a compreensão da frase exige determinada reflexão teológica. Para F.F. Bruce (2019, p. 1571), trata-se, possivelmente, de alusão à grandeza de João dada por sua posição – de todos que anunciaram a vinda do Rei, João seria o maior pois era quem possuía maior laço de proximidade com o Filho do Homem. Rienecker (1998, p. 126) amplia o conceito, afirmando que a posição, além disso, é privilegiada pois João encerra a Antiga Aliança e inaugura a Nova – este é o seu chamado como precursor. Logo, por seu papel pivotal na história da Redenção, compreende-se sua importância evidenciada.

### **4.4. “Reino dos Céus”**

Antes da definição do conceito por trás da terminologia, se faz necessário comentar sobre a discussão entre o emprego de “Reino dos Céus” (βασιλεία τῶν οὐρανῶν) versus a utilização de “Reino de Deus” (βασιλεία τοῦ Θεοῦ). Há, especialmente em círculos de interpretação mais alegórica e dispensacionalista, a tentativa de distinção dos termos, relacionando um sentido mais lato a um, enquanto restringe o outro a um estágio intermediário específico de sua escatologia. Contudo, esta diferenciação tem fundamentação bastante frágil, especialmente quando na mesma narrativa, autores diferentes empregam termos diferentes para fazer referência ao mesmo objeto, como por exemplo, Mateus 11:11 (Reino dos Céus) e Lucas 7:28 (Reino de Deus), Mateus 13:24 (Reino dos Céus) e Marcos 4:26 (Reino de Deus), dentre outros.

Uma possível explicação para a utilização intercambiável dos termos citados acima, conforme Geerhardus Vos (2005, p. 32), se dá no fato de Marcos e Lucas terem escrito seus evangelhos para gentios, que, por possivelmente não conhecerem a

expressão tipicamente judaica “dos céus” que enfatiza a infinita majestade de Deus sobre Sua criação, considerariam de forma mais inteligível o termo “Reino de Deus”. A mesma justificativa funciona reversamente para o termo escolhido por Mateus, já que sua provável audiência – judeus – tendiam a evitar o uso do nome de Deus, mas compreendiam com clareza a expressão “Reino dos Céus”. “Ao se referir ao “Reino dos céus”, Jesus procurava usar essa expressão em um sentido que não era em nada diferente de “Reino de Deus” exceto por uma adicional nota de ênfase à natureza exaltada daquele a quem esse Reino pertence” (ibid., p. 33).

Sobre o significado deste Reino Divino, há muita divergência no entendimento daquilo que as Escrituras Sagradas fazem menção. A principal problemática gira em torno do reducionismo provindo da interpretação de versículos isolados. Alguns enfatizam o seu aspecto subjetivo, outros o entendem apenas escatologicamente, e outros ainda relacionam seu significado com a Igreja ou com padrões da sociedade perfeita. No entanto, existe uma complexidade intrínseca ao significado de Reino de Deus que precisa ser levada em conta para uma compreensão mais precisa. Ladd, ao explanar este reinado soberano e redentor expresso em diferentes estágios, afirma:

“O Reino é uma realidade atual (Mt 12.28) e, contudo, é uma bênção futura (ICo 15.50). Ele é uma bênção espiritual redentora (Rm 14.17), experimentada apenas por meio do novo nascimento (Jo 3.3), e, contudo, terá que ver com o governo das nações do mundo (Ap 11.15). O Reino é um domínio no qual os homens entram agora (Mt 21.31), e no qual, todavia, entrarão amanhã (Mt 8.11). Ele é, ao mesmo tempo, um presente de Deus que será conferido, pelo Senhor, no futuro (Lc 12.32) e que, no entanto, precisa ser recebido no presente (Mc 10.15)”. (LADD, 2008, p.19)

Logo, ao mesmo tempo em que a Bíblia trata o Reino dos Céus como sendo uma realidade física de um governo celeste que está por vir, trata-o como uma bênção experimentada desde o presente em espírito e em prática por aqueles inseridos no pacto redentor divino. Não se trata de um significado ou de outro, mas de ambos simultaneamente inseridos na história da redenção. Aparentemente, esta ideia de um Deus soberano que governa e reina sobre tudo e sobre todos em ambos os sentidos, concreto e abstrato, era um pensamento glorioso, prazeroso e constante para Jesus, inclinando o leitor bíblico a acreditar que isto ocupava lugar central na mente do Messias judeu. (VOS, op. cit., p. 33).

#### 4.5. “O menor no Reino dos Céus é maior do que ele”

Compreender que o Reino dos Céus se refere à uma realidade de governo divino tanto futura e última, quanto presente e inaugurada aos homens com a vinda do Senhor Jesus é essencial para entender a comparação feita entre o menor dos inseridos neste reinado recém-chegado e João Batista, citado como sendo o maior dentre todos os nascidos até então, e agora colocado como o menor. Carson (2010, p. 315) justifica este comparativo com o fato de que aqueles considerados como inseridos no Reino dos Céus vivem após a ocorrência dos eventos da revelação do Messias de Deus e do início do *escathon* cristão, podendo apontar para Jesus e sua obra de forma muito mais clara do que todos que viveram apenas com base em profecias e oráculos divinos. Bruce (2019, p. 1571) amplia o conceito, afirmando que dentre todos os que anunciaram o Rei, João era o maior por sua proximidade com o Filho de Deus (ver 3.3), contudo qualquer um que experimentasse a plenitude de seu poder Real seria maior que João em posição.

#### 4.6. “Sofre violência”

Existem divergentes opiniões sobre o sentido da expressão escolhida por Mateus para fazer referência ao estado do Reino dos Céus em Mt 11:12, βιάζεται – biazetai (translit.). Esta tem sido traduzida como “tem sido atacado com violência” (NTLH), “sofre violência” (NAA), “é tomado à força” (KJV) ou “tem avançado poderosamente” (A21). As divergências surgem, em sua maior parte, se dá na forma adotada pelo verbo. A análise comumente adotada é a de que, ou a voz aqui é intermediária, dando a entender que o Reino é tomado por força, no sentido em que avança forçosamente sobre a Terra, ou ela é passiva, denunciando a violência sofrida pelo Reino desde os dias de João Batista (TASKER, 2006, p. 94). Richards concede ao verbo o caráter de “antanáclase”, por ser utilizado com sentidos contraditórios, e resume o conflito aceitando ambas as interpretações: “Desde o início, a mensagem do reino teve que abrir seu caminho, derrotando o poder das trevas. E desde o início, os homens que usam de violência, resistem desesperadamente ao seu progresso.” (RICHARDS, 2007, p. 40). Ambas as

interpretações encaixam no contexto subsequente sem prejudicar a compreensão do quadro geral da passagem (ver 3.6).

#### **4.7. “Os que usam de força se apoderam dele”**

Seguindo a expressão explanada em 3.5, Mateus continua sua abordagem com *biastai harpazousin autên* (translit.). Alguns intérpretes tentam seguir uma posição positiva para ambas as partes de Mt 11:12, afirmando que assim como o reino avança com sucesso, as pessoas fortes e corajosas devem se esforçar no presente para tomarem posse dele. Carson (2010, p. 317), no entanto, afirma que esta posição é possível, mas não convincente, uma vez que a conotação do termo escolhido (*biastés*) é sempre de violência e rapacidade, apesar de sua pouca utilização na literatura grega, e aparição única nas Escrituras (*hapax legomenon*), e *harpazousin* também presente com frequência acepções malignas.

Logo, o conceito da segunda parte do versículo em questão mais provavelmente abrange a oposição violenta sofrida pelo Reino dos Céus. (RADMACHER, 2010, p. 40). Algo que se conecta tanto com a interpretação do segmento anterior como sendo o avanço glorioso do reinado (que traria perseguição e resistência por consequência), quanto com a possibilidade de um aparente paralelismo sobre a hostilidade dos homens para com o Reino de Deus.

### **5. CONCLUSÃO**

Este trabalho buscou aprofundar pesquisas na perícópe de João na história da Redenção (Mt 11:7-15), no intuito de obter uma aproximação maior ao sentido original pretendido por Jesus, de acordo com o autor, em seu discurso em defesa do caráter de João Batista. A análise ateve-se aos principais conceitos teológicos do texto, sem a pretensão de exauri-los, mas no intuito de trazer uma melhor compreensão sobre trechos que apresentam determinada divergência em suas linhas de interpretação.

A narrativa da passagem escolhida se inicia com uma multidão muito provavelmente receosa e incerta com o caráter de João Batista e veracidade de seu

ministério após os discípulos do profeta terem ido até Jesus confirmar se ele era mesmo o messias que haveria de vir. Jesus rapidamente percebe a dúvida no coração da multidão e passa a reforçar a nobreza e retidão da conduta de João, lembrando sua audiência de que ele servia de cumprimento para as promessas de um precursor que prepararia a vinda do Senhor.

Aqui cabe o adendo de que o questionamento de João possivelmente inquiria, através de seus discípulos, sobre a práxis de Jesus, e não sua identidade como Messias. João esperava um rei que viria sim estabelecer um reino eterno de paz, com um caráter mais espiritual, mas também aguardava por um libertador militar, o que parecia bastante distante das realizações de Cristo. Por este motivo, o profeta questionava-se se deveria esperar outro: não porque descreditara que a inauguração do Reino se iniciava em Cristo, mas porque estava incerto se a totalidade das promessas seria cumprida nEle. Jesus satisfaz seus indagadores categoricamente apontando as Escrituras para Ele mesmo e suas obras, respondendo que nEle se realizaria a redenção por completo.

A reafirmação de João Batista por parte de Cristo se dá logo depois. Jesus se torna à multidão confusa e tece comentários sobre João como sendo o cumprimento MI 3:1 (o mensageiro que prepararia o caminho) e MI 4:5 (Elias), e coloca-o como muito maior do que um profeta e o maior dos homens até então. Isto porque não somente teria sido um arauto que anunciava o Rei que havia de vir, como também teve a possibilidade de conviver com ele, até mesmo batizando-o. Jesus certamente tinha alta estima por João, fato observado novamente em sua reação perante a morte do profeta em Mt 14:13, e abonava o seu ministério.

A partir da frase seguinte aos elogios a João há uma aparente inflexão no discurso de Cristo. Jesus agora o define como menor do que todos aqueles que estão inseridos no Reino dos Céus, fazendo referência direta não mais à pessoa de João Batista, mas à excelência mais elevada daqueles que poderão experimentar ao seu plano de redenção estabelecido em sua morte e ressurreição. Fazendo um paralelo com o parágrafo anterior, assim como João Batista era maior do que seus predecessores por ter conhecido pessoalmente aquele a quem anunciava, seus sucessores também seriam maiores do que ele por poderem conhecer a obra de Cristo

como um todo, experimentarem dela, e terem consigo a presença constante do Espírito Santo.

Ainda no assunto Reino dos Céus, o Messias continua seu discurso colocando ênfase na resistência violenta ao forte avanço do reinado recém-inaugurado (Mt 11:12). Jesus acabara de relatar suas obras e sinais (Mt 11:4-5), de mencionar a possibilidade de escândalo por parte de alguns ao seu ministério (Mt 11:6), e de repreender a fragilidade da confiança de muitos na mensagem do Reino e de seus divulgadores. Além do fato de João estar encarcerado por se opor aos pecados dos governantes. Logo, de fato o Reino dos Céus tem avançado poderosamente à medida em que é atacado ferrenhamente por homens violentos que se opõe às boas novas.

Sobre este reinado redentor na pessoa de Jesus Cristo que teriam profetizado a Lei e os Profetas, incluindo aquele que prepararia o caminho para sua chegada, João Batista. No mesmo espírito de Elias, João proclamava o arrependimento na iminência da chegada do Reino de Deus, que seria inaugurada pelo Messias. Jesus com sua máxima “Aquele que tem ouvidos, ouça!”, encerra esta parte de seu discurso desafiando a sensibilidade espiritual de seus ouvintes para que compreendam a sua mensagem de redenção e esperança.

O texto de Mt 11:7-15 é permeado de repreensão e encorajamento para todos aqueles que estão inseridos no Reino dos Céus, sendo muito mais do que apenas uma defesa da imagem do profeta do deserto. A denúncia da fragilidade da confiança que os homens tem na mensagem do Reino e em seus mensageiros, a elevação da preciosidade que é ser parte deste reino, e o estímulo para que os cristãos vivam alegremente as boas novas apesar das perseguições são algumas destas lições, que encontram lugar e relevância para a vida crista, mesmo nos dias atuais.

## **REFERÊNCIAS**

BRUCE, Frederick F. **História do Novo Testamento**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CARSON, Donald A. **O Comentário de Mateus**. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

FEE, Gordon D. **Entendes o Que Lês?** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GORMAN, Michael J. **Introdução à Exegese Bíblica.** 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody.** vol 2. 1.ed. São Paulo: Editora Batista Regular, 2019.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus.** vol. 1. 1.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico de Matthew Henry.** 4.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e Síntese do Novo Testamento.** 1.ed. São Paulo: Evangélica Esperança, 1996.

KITTEL, Gerhard. **Dicionário Teológico do Novo Testamento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013. KRAYBILL, Donald B. **O Reino de Ponta Cabeça.** 1.ed. Bragança Paulista: Mensagem para Todos, 2017.

LADD, George E. **O Evangelho do Reino:** estudos bíblicos sobre o reino de Deus. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LOPES, Hernandes D. **Mateus:** Jesus, o rei dos reis. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2019.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica:** uma nova abordagem à interpretação bíblica. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H.W. **O Novo Comentário Bíblico:** novo testamento com recursos adicionais. 1.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel Ltda., 2010.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Histórico-cultural do Novo Testamento.** 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.

RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Lucas:** comentário esperança. São Paulo: Evangélica Esperança, 2005.

RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Mateus:** comentário esperança. São Paulo: Evangélica Esperança, 1998.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong:** léxico hebraico, aramaico e grego de strong. Barueri: Cultura Cristã, 2002.

- TASKER, R.V.G. **Mateus**: introdução e comentário. 7.ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- TAYLOR, Joan E. **The Immerser**: john the baptist within second temple judaism. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.
- VOS, Geerhardus. **O Reino de Deus e a Igreja**. 1.ed. Goiânia: Editora e Gravadora Logos, 2005.
- WEBB, Robert L. **John the Baptizer and Prophet**: a socio-historical study. Sheffield: JSOT Press, 1991.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 5.ed. São Leopoldo: Paulus, 1998.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: novo testamento. Santo André: Geográfica Editora, 2006.

# PNEUMATOLOGIA NA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS SOB A ÓTICA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Me. Luciano Azambuja Betim<sup>8</sup>

## Resumo

As cartas paulinas são ricas em elementos pneumatológicos. Propõe-se neste artigo uma investigação sobre a Teologia do Espírito Santo na primeira carta aos Coríntios. O texto dialoga com a perspectiva de São João Crisóstomo. Quais são os elementos pneumatológicos segundo entendimento e interpretação de Crisóstomo? Por meio de pesquisa bibliográfica nesse importante pai da igreja, o Espírito Santo se mostra como revelador dos mistérios divinos, como agente santificador e finalmente como fonte dos carismas na igreja.

**Palavras-chave:** Carismas; Línguas; Iluminação; Profecia; Santificação.

## ABSTRACT

The Pauline letters are rich in pneumatological elements. This article proposes an investigation into the Theology of the Holy Spirit in the First Corinthians letter. The text dialogues with the perspective of St. John Chrysostom. What are the pneumatological elements according to Chrysostom's understanding and interpretation? Through bibliographic research in this important father of the church, the Holy Spirit shows himself as the revealer of the divine mysteries, as a sanctifying agent and finally as the source of charisms in the church.

**Keywords:** Charisms; Languages; Lighting; Prophecy; Sanctification.

---

<sup>8</sup> Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR); Pastor Presbiteriano (IPB), Email: lucianobetim@outlook.com

## 1. INTRODUÇÃO

O período posterior aos tempos apostólicos tem sido denominado historicamente de “patrística”. Grandes nomes surgiram na igreja dessa época, abrangendo aproximadamente seis séculos, no qual se produziu considerável conteúdo teológico e bíblico (BROMILEY, 2009, p. 81). Uma diversidade de escritos fora elaborada, alguns de cunho apologético, outros de assuntos teológicos, bem como comentários. Por meio desses textos é possível ter um vislumbre do pensamento teológico na igreja nascente.

Este artigo interage com os escritos de João Crisóstomo, um dos pais da igreja. Nascido em Antioquia da Síria, Crisóstomo foi ordenado diácono em 381 d.C., e presbítero em 386 d.C., destacando-se como grande expositor bíblico, vindo por essa razão receber alcunha de “boca de ouro” (GALLATIN, 2009, p. 371). Sua teologia repousa sobre seus sermões, não sendo nesse sentido sistemático, embora apontasse elementos exegéticos literais e gramaticais (Id., p. 372). Neste artigo, aparece sua pneumatologia sob a ótica da primeira e segunda carta a igreja de Corinto.

Das cartas do Novo Testamento, considerável parte é de autoria do Apóstolo Paulo. Entre elas destacam-se a sua primeira carta aos Coríntios. Nela, o Apóstolo trata de vários problemas presentes naquela comunidade, sem deixar de lado aspectos teológicos importantes. Uma das temáticas abordadas, se trata da pneumatologia, mais comumente denominada de Teologia do Espírito Santo.

Que a igreja de Corinto era um tanto quanto problemática, principalmente em assuntos como santificação e uso dos carismas, aparece bem claramente ao ler-se a epístola. Nesse sentido se impõe a pergunta: Quais são os aspectos da obra do Espírito Santo nessa carta? Como objetivo deste trabalho, portanto, pretende-se identificar os esses elementos pneumatológicos, bem como compreender a relação do Espírito Santo no processo de iluminação, santificação e concessão dos carismas.

Interações serão realizadas com argumentos de São João Crisóstomo, em seu comentário nas cartas a comunidade de Corinto.<sup>9</sup> Serão utilizados como textos bíblicos padrão a Bíblia de Jerusalém (BJ) e a Nova Versão Internacional (NVI). Na primeira

---

<sup>9</sup> O livro faz parte da coleção “Patrística”. Traduzido e disponibilizado pela Editora Paulus.

parte do trabalho, com o olhar voltado à obra do Espírito como aquele que ilumina; na segunda parte o Espírito, ao processo de santificação do cristão; na terceira parte será abordada a distribuição dos carismas, finalizando com um olhar específico sobre os dons de línguas e profecias.

## **2. O ESPÍRITO SANTO COMO AQUELE QUE ILUMINA OS MISTÉRIOS DIVINOS**

O primeiro tema da pneumatologia paulina relaciona-se com a iluminação do Espírito, contrastando-a com a sabedoria terrena. Quando Paulo esteve entre os Coríntios, ele não apresentou o evangelho por meio de sabedoria pessoal, humana, fundamentada em seus conhecimentos filosóficos (1Co 2.1). Pelo contrário, ele dependeu completamente do poder do Espírito Santo: “[...] minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder” (1Co 2.4).

O sentido da declaração de Paulo, de acordo com Crisóstomo (2010, p.76), revela que o conteúdo da pregação do Apóstolo não dependia da sabedoria pagã ou dos sofismas humanos. Em seu entendimento, a razão com que simples pregadores se sobressaíam aos sábios naquele contexto estava em sua dependência da ação do Espírito Santo no anúncio do evangelho (Id., p. 77). Era uma dependência do poder e da ação do Espírito, iluminando a obra de evangelização.

É por meio da atuação do Espírito que ocorre a revelação do conhecimento de Deus (1Co 2.10). De fato, Crisóstomo (Id, p. 90) argumenta que fora da ação do dom do Espírito, ninguém entende os mistérios ou segredos do plano de Deus. Nem mesmo os profetas tiveram esse entendimento. O pai da igreja comenta mais detalhadamente:

Não pela sabedoria pagã, pois ela como serva desprezada, não foi permitido entrar e inspecionar os mistérios do Senhor [...] O fundamento de nossa honra não se acha no conhecimento, nem mesmo em aprender com os anjos, mas em aprender por intermédio do Espírito [...] Se o Espírito, que sonda as profundidades de Deus, não no-lo tivesse revelado, não saberíamos [...] Por essa razão tivemos necessidade daquele mestre, que soubesse claramente (Id., p. 92).

Em sua exposição, Paulo prossegue argumentando sobre a importância da iluminação do Espírito (1Co 2.12-13). Os oradores pagãos podem até ter eloquência. O

povo de Deus, por outro lado, goza do Espírito Santo (Ibid., p. 93). Ele faz ainda uma analogia: “Na verdade os olhos são belos e uteis, mas quem quiser enxergar dispensando a luz, de nada lhe vale a beleza, nem a própria força [...] assim sucede relativamente à alma, se quiser viver sem o Espírito Santo [...]” (Ibid., p. 95). Ou seja, é somente por meio da graça dispensada pelo Espírito, que a humanidade é capaz de entender a mensagem das boas novas.

### **3. O ESPÍRITO SANTO COMO AGENTE DA SANTIFICAÇÃO**

O segundo tema da pneumatologia paulina está de alguma forma relacionado à vida do povo de Deus como um templo santo, remetendo-se à ideia de “separação ou dedicação”: “Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3.16). Isso aponta para a importância da presença santificadora do Espírito: “Mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.” (1 Co 6.11). O cristão é, de certo modo, um “espaço sagrado” pela habitação do Espírito.

O contexto de 1 Coríntios 3.16 indica um caso de impureza no seio da comunidade. Crisóstomo (Ibid., p. 128) observa que, posto que Deus é Santo, seu povo deve se colocar diante de sua correção, tornando-se desse modo um templo santo. A ideia é de consagração, por isso se exige santidade. Isso aparece novamente no discurso de Paulo: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? (1Co 6.19).

Considerando a grandeza desse pensamento – habitação santa do Santo Espírito –, Crisóstomo (ibid., p. 240) argumenta ser o cristão agraciado com um supremo depósito, resultado da grandeza de quem é o depositante. A referência do pai da igreja recai sobre o povo de Deus, outrora impuro, agora liberto, passando pelo processo da justificação (Ibid., p. 222). Isso conduz, naturalmente, para a necessidade de que aquele que foi alvo da habitação santa do Espírito, esteja atento como procede em sua conduta.

Cada cristão na comunidade do povo de Deus, deve refletir sobre essa obra divina. Diz Crisóstomo (Ibid., p. 222): “Ora, só libertar do pecado já constitui grande dom; agora, no entanto, tem encheu de inúmeros bens [...] isso foi feito em nome do Senhor [...] no Espírito de nosso Deus [...]. De modo que ao meditar sobre o trabalho de justificação e santificação, o fiel é conclamado pelo seu Senhor a se conduzir de modo temperante, focando na pureza de vida (CRISÓSTOMO, 2010, p. 222). Ou seja, o alvo do povo de Deus é caminhar em direção a santificação, tornando-se assim um templo e morada do Espírito.

#### **4. O ESPÍRITO SANTO COMO FONTE DOS CARISMAS**

Um terceiro aspecto da pneumatologia paulina, está relacionado a manifestação dos carismas concedidos pela ação do Espírito Santo. O Apóstolo utiliza praticamente três capítulos (1Co 12-14) para discorrer sobre a importância dos dons espirituais, dedicando um capítulo inteiro no intuito de corrigir o uso inapropriado da profecia e do falar em línguas.

Na lista de dons em 1 Coríntios, destacam-se:

Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de conhecimento, pelo mesmo Espírito; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de cura, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas [...] Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dom de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam em línguas (1Co 12.8-10, 28).

A classificação dos carismas é bastante extensa, abrangendo várias modalidades de operações do Espírito. No entendimento de Crisóstomo, um carisma ou um dom espiritual, não é resultado da ação humana, mas uma obra exclusiva da atividade do Espírito Santo (Id., p. 405). Conceder carismas é prerrogativa do Espírito Santo, sendo ele aquele que decide à quem vai doar esses presentes da graciosos (1Co 12.11).

A comunidade do povo de Deus é formada por todos aqueles que foram batizados. Crisóstomo (Id., p. 421) diz que “um só Espírito fez que sejamos um só

corpo, e nos regenerou; não foi este batizado num Espírito e aquele em outro [...] a finalidade de sermos batizados consiste em sermos um só corpo”. Diante disso, ele argumenta que esses carismas são presentes da graça de Deus, concedidos em maior ou menor grau para todos aqueles que foram batizados (Ibid., p. 410). Isso reflete o que havia dito o Apóstolo, que os dons são dados a cada um (1Co 12.7).

Diante do exposto acima, cabe a cada cristão contentar-se com seu carisma:

Não nos aflijamos, diz ele, nem nos contristemos dizendo: por que recebi esse dom a não aquele? Não peçamos prestação de contas ao Espírito Santo. Com efeitos, se saber que te foi concedido com solicitude, ao pensares que, ao cuidar de ti, deu-te essa medida, abraça-a e alegra-te com o que recebestes e não te aborreças porque não recebestes outros dons; ao contrário, dá graças porque não recebestes mais do que pode suportar (Ibid., p. 414).

Alguns carismas são comentados mais detalhadamente por Crisóstomo. O dom da palavra de sabedoria, por exemplo, era necessário para equipar aqueles que possuíam alguma ciência, mas não conseguem ensinar ou transmitir esses conhecimentos (Ibid., p. 411). O dom da fé também é mencionado, se tratando daquela confiança na ocorrência de milagres, não sendo nesse sentido a fé como um conjunto de dogmas centrais no cristianismo (Ibid., p. 411). De certo modo, essa fé ecoa as palavras de Jesus: “[...] se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: Vá daqui para lá, e ele irá. Nada lhes será impossível (Mt 17.20).

Curas e milagres são outros dons que aparecem na lista. Para Crisóstomo, o dom da cura era algo positivo na restauração da saúde; já o carisma dos milagres poderia envolver castigo. Exemplos que são evidentes no ministério de Pedro e Paulo, o primeiro relacionado a morte, e o segundo a cegueira (Ibid., p. 411). O dom de discernimento de espíritos era uma ferramenta útil na identificação daquilo que era de fato espiritual e verdadeiro (Ibid., p. 411). No contexto da igreja nascente, esse carisma agia como um prumo balizador na identificação das verdades espirituais.

Outros três dons espirituais são listados: ajuda, ensino e administração. Na concepção de Crisóstomo (Ibid., p. 446) o carisma da ajuda ou assistência, envolve distribuição de bens. Por outro lado, o carisma do ensino está relacionado com uso da razão, da mente daquele que expõe (Ibid., p. 444). O dom da administração ou

liderança, repousa sobre o trabalho dos presbíteros, na instrução na Palavra (Ibid., p. 444). Embora apareçam na lista o dom do falar e línguas e a profecia, eles serão tratados no próximo capítulo.

## 5. CARISMAS ESPECÍFICOS: LÍNGUAS E PROFECIAS

Esses dois carismas, a profecia e o falar em línguas, bem como a interpretação, são explicados mais detalhadamente por Paulo no capítulo 14. Considerando que o mal-uso deles estava causando controvérsia na comunidade, o Apóstolo gasta mais tempo na explanação, especificando a natureza de sua atividade. Embora abusos tenham ocorridos, Ele se mostra positivo: “Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia” (1Co 14.1).

Paulo começa discorrendo sobre o carisma do profeta ou da profecia. Esse dom, de acordo de Crisóstomo (2010, p. 444), foi amplamente distribuído nos tempos apostólicos, sendo exercido por homens e mulheres, como as filhas de Filipe. Ele observa que o conteúdo da profecia não é algo que brota da mente humana, mas tem sua origem no Espírito Santo (Id., p. 444). Por meio da profecia a comunidade recebia “[...] edificação, encorajamento e consolação [...]” (1Co 14.3).

A prática da profecia deveria ser conduzida de modo ordeiro, conforme recomenda o Apóstolo: “Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito [...] Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (1Co 14.29, 32). Qual seria o sentido dessa exortação apostólica? Crisóstomo responde:

Não diz a respeito do profeta: se não há quem tenha discernimento, não profetize, mas comente quer dar certeza ao ouvinte. Fez essa declaração para advertir sobre a precaução acerca de vates e adivinhos. Já no início a recomendou, ao explicar a diferença entre adivinhação e profecia; e agora ordena o idêntico discernimento e consideração, a fim de que não irrompa algo diabólico (Id., p. 520-521).

Tendo explicado o sentido da profecia e seu uso correto, resta agora entender o que seria o “falar em línguas”. Muito se tem discutido sobre a natureza desse carisma. Trata-se de idiomas humanos ou uma espécie de língua dos anjos? Paulo fala

hipoteticamente sobre essa possibilidade: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine” (1Co 13.1).

A primeira das alternativas, ou seja, idiomas humanos, parece ser mais provável aqui.

Como no tempo em que foi construída a torre, a língua que era uma só se dividiu em muitas (Gn 11), assim agora que eram muitas, frequentemente se concentravam num só homem, que falava as línguas dos persas, dos romanos e dos indianos e muitas outras, ecoando nele o Espírito. E esse carisma era denominado dom das línguas, porque era possível falar conjuntamente várias línguas (Ibid., p. 496).

Embora o ‘falar em línguas’ seja um dialeto, este continua sendo ainda um carisma do Espírito. Crisóstomo (Ibid., p. 496) entende que tanto a profecia quanto as línguas têm sua origem na obra do Espírito e quem desses carismas se utiliza, o faz movido pelo Espírito Santo. Esse é o motivo da insistência do Apóstolo, ao escrever que “fala em língua a si mesmo se edifica” (1Co 14.4a), mesmo não compreendendo o que diz em sua oração.

O texto paulino parece assinalar que o falar em línguas seria uma espécie de oração: “Pois, se oro em língua, meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera” (1Co 14.14). É exatamente esse o entendimento de Crisóstomo (Ibid., p. 500) ao observar na antiguidade “muitos que tinham o dom da oração juntamente com o das línguas [...]”. Por isso a necessidade de praticar a oração tanto no espírito quanto com a mente, ou seja, por meio do uso da razão.

Visando evitar confusão na assembleia reunida, o Apóstolo estabelece regras quanto a prática da oração em línguas (1 Co 14.27,28), as quais Crisóstomo vai chamar regras práticas do cristianismo (Ibid., p.518). O objetivo do Apóstolo ao impor regras não é de proibição final, mas sim de orientação no correto uso desses carismas. Mais no final do capítulo ele diz: “não proibam o falar em línguas [...] tudo deve ser feito com decência e ordem” (1 Co 14.39,40).

Nas palavras de Crisóstomo (Ibid., p. 519-520):

[...] quem possui um dom pequeno há de ultrapassar o que tiver um maior, se tiver presente essa meta. Os dons existem para a edificação de cada um. Se isso não acontecer, o dom será motivo de condenação para o receptor. De que adianta, diga-me, profetizar? Para que fim serve ressuscitar os mortos, se

ninguém lucra com isso? Se tal é a finalidade dos dons, é possível realizar prodígios de outro modo, independente deles, a fim de não te orgulhares por causa do milagre, nem te julgares infeliz se não tiveres carismas.

Como observado anteriormente, o carisma das línguas está intimamente relacionado com a oração (1 Co 14.14). Entretanto, na ausência de quem interprete, que o orante faça uso das línguas no seu silêncio orante, na tranquilidade de sua mente (CRISÓSTOMO, 2010, p.520). Aqueles que foram agraciados com esse carisma precisam ter em mente que numa reunião pública de adoração, o objetivo não é a exibição dos dons, mas crescimento da comunidade (Id., p. 520). Seu propósito objetiva mostrar que tudo deve ser feito tendo em mente a edificação da comunidade (1 Co 14.26b).

## **6. CONCLUSÃO**

A partir de considerações nas cartas de Paulo destinada ao povo de Deus na cidade de Corinto, abordou-se neste texto alguns elementos da Teologia do Espírito Santo. O trabalho interagiu com as homilias de São João Crisóstomo. Respirando ainda os ares do período da patrística, Crisóstomo expõe os principais problemas da comunidade de Corinto, abordando também aspectos teológicos importantes, entre eles a pneumatologia com ênfase nos carismas.

Como objetivo principal, propôs-se explorar os principais aspectos da Teologia do Espírito. Entre outros objetivos, também estava: entender a ação do Espírito no processo de iluminação dos segredos divinos na vida do cristão; a obra santificadora no crescimento santificante do povo de Deus; bem como carismas concedidos para a edificação da comunidade, tendo a temática das línguas e profecias como encerramento da reflexão.

A questão da continuidade ou não dos carismas miraculosos, continua sendo motivo de discussão. Essa discussão já ocorria nos tempos pós-apostólicos:

Essa passagem é muito obscura. O desconhecimento dos acontecimentos de então, e que agora não advêm, produz a obscuridade. E por que agora não sucedem? Eis, pois, que a causa da obscuridade gera outra interrogação para nós. Por que acontecia então e agora, não? (Id., p. 403).

Nem tudo é claro, simples e de fácil entendimento. Nos tempos da reforma, por meio do trabalho de João Calvino e Martinho Lutero, a temática do papel do Espírito entra novamente em cena. O reformador de Genebra lamenta a ausência de certos carismas, atribuindo o desaparecimento deles à falta de interesse e mau uso na igreja (CALVINO, 2015, p. 506). Isso evidencia o quanto a igreja perdeu com a carência dos dons, e como poderia ter sido ela, abençoada.

Embora tenha ocorrido uma certa diminuição, a obra do Espírito não cessou de todo. Ele continua auxiliando o povo de Deus – povo carente das forças carismáticas do Espírito em seu meio. Desde os tempos da patrística, ondas do Espírito tem ocorrido, passando pela reforma e movimentos de renovação do século vinte. É uma ação invisível, mas presente: “O vento sopra onde quer, você ouve o barulho que ele faz, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. **Nova Versão Internacional (NVI)**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

BROMILEY, Geoffrey W. **João Crisóstomo**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume 1**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CALVINO, João. **Serie Comentários Bíblicos: 1 Coríntios**. São José dos Campos, 2015.

CRISÓSTOMO, João. **Comentário as Cartas de Paulo: Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios**. São Paulo: Paulus, 2010.

GALLATIN, Harlie Kay. **Pais da Igreja**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume 3**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

# A DESLUMBRANTE E BREVE EPÍSTOLA DE II JOÃO: UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA INVESTIGATIVA, EXEGÉTICA E PRÁTICA

Kemuel Lourenço Figueira Andrade<sup>10</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação teológica da epístola de II João, que se iniciará com uma introdução onde apresentará as conceituações iniciais dessa carta. Na sequência será analisado o texto por uma visão geral, abordará a delimitação, a crítica textual e a tradução sendo exposto o texto em grego e português. Será apresentado o esboço analítico em conformidade com o Dr. Mark Elis. A contextualização do texto acontecerá pela investigação do panorama histórico. A análise léxica é feita, com material no vernáculo, onde se expusera as palavras: ancião, eleita, filhos, amo, verdade, misericórdia, paz, Deus, Pai, Senhor, Cristo, Filho, andam, novo, confessam, carne, anticristo, temos ganhado, recebamos, interior, galardão, prevarica, doutrina, persevera, saúda, tem parte, más, obras. A síntese pressupõe resumir e considerar os diversos passos executados anteriormente, visando a conclusão sobre o texto estudado, tratando versículo por versículo da carta. A posteriori se encontra as considerações finais. Tendo a plena consciência que nem tudo o que aqui se redige e que se embasa contempla todo o conhecimento a respeito do assunto desenvolvido, mas o esforço e mérito é para que de forma acadêmica possa se conjecturar e expressar uma excelente contribuição para esta área do saber de modo eficaz.

**Palavras-chave:** verdade, amor, Igreja, comunhão.

## ABSTRACT

This article presents a theological investigation of the letter of II John, which will begin with an introduction where he will present the initial concepts of that letter. Then the text will be analyzed for an overview, it will address the delimitation, the textual criticism and the translation and the text will be exposed in Greek and Portuguese. The analytical outline in accordance with Dr. Mark Elis will be presented. The contextualization of the text will happen by investigating the historical panorama. The lexical analysis is made, using material in the vernacular, where the words: elder, elected, children, love, truth, mercy, peace, God, Father, Lord, Christ, Son, walk, new, confess, flesh, antichrist, we have won, we have received, interior, reward, prevaric, doctrine, perseveres, salutes, has part, bad, works. The synthesis presumes to summarize and consider the several steps performed previously, aiming at the conclusion on the studied text, treating verse by verse of the letter. A posteriori is the final considerations. Being fully aware that not everything that is written here and that is based on contemplates all knowledge about the developed subject, but the effort and merit is so that in an academic way it can conjecture and express an excellent contribution to this area of knowledge effectively.

**Keywords:** truth, love, church, communion.

---

<sup>10</sup> Professor, Escritor e Pastor. Doutorando Teologia (PUCPR); Mestre em Teologia (FABAPAR); Especialista em Liderança e Coaching (ESTÁCIO); Bacharel em Teologia (FABAPAR). Professor-Autor na PUCPR no curso de Ciências da Religião. Contato: pastorkemuel@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Esta epístola apresenta três características únicas: a) é o menor livro do Novo Testamento; b) tem semelhanças surpreendentes com I e III João, quanto a sua mensagem, vocabulário e estilo simples de escrita; c) constitui-se num importante complemento à mensagem de III João, como prevenção quanto a receber e ajudar obreiros estranhos, desconhecidos. A epístola finaliza, insistindo na necessidade de cuidadoso discernimento, à luz dos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, antes de alguém apoiar falsos obreiros<sup>11</sup>. O presente estudo<sup>12</sup> consiste em uma pesquisa exegética e prática, a qual atém-se em elucidar a epístola em análise.

Embora o testemunho primitivo em relação à autoria de II e III João não seja tão forte quanto a de I João, essas epístolas estão, mesmo assim, ligadas a João pelo vocabulário e assunto geral. João dirige esta segunda epístola para a “senhora eleita e seus filhos”, indicando que a receptora era uma mulher cristã cujos filhos perseveraram na fé. O peso da evidência de João ter escrito todas as três epístolas levando seu nome aponta para cerca de 90 d.C., logo depois de I João ter sido escrito.<sup>13</sup>

A procedência mais provável é que II João tenha sido escrito na Cidade de Éfeso, de onde também se articula que foi escrito o evangelho relatado por João e as outras duas epístolas.<sup>14</sup> Sendo Éfeso uma cidade de história extremamente antiga. É possível que tenha sido a cidade de Apasa, mencionada em textos hititas do segundo milênio a.C. No tempo de João, era um porto muito importante com mais de trezentos mil habitantes. Hoje em dia as ruínas de Éfeso se encontram cerca de 10 km para interior, mas mesmo no tempo de João as embarcações tinham de navegar em águas rasas para entrar no porto cada vez mais assoreado.<sup>15</sup> Por fim, expõe-se que

---

<sup>11</sup> Bíblia de Estudo Pentecostal, 1997, p. 1967.

<sup>12</sup> Este conteúdo é escrito como exigência a matéria: Teologia Prática de Hebreus e Aplicabilidade das Cartas Gerais. Lecionada pelo Professor Dr. Jaziel Guerreiro Martins. O roteiro do estudo segue os passos do Método Histórico-Crítico-Gramatical, conforme estrutura estabelecida pelo próprio professor em aula.

<sup>13</sup> Bíblia de Estudo Plenitude, 2001, p. 1330.

<sup>14</sup> WELLINGTON, H. Manual de discernimento bíblico, 2012, 409.

<sup>15</sup> LAWRENCE, P. Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia, 2008, p. 160.

tradicionalmente, todas as três epístolas joaninas, bem como o evangelho de João, têm estado associadas a Ásia Menor, particularmente a cidade de Éfeso.<sup>16</sup>

## 2. TEXTO DE II JOÃO 1.1-13

O primeiro passo dessa investigação para a estruturação do conteúdo exegético e prático de II João é a leitura do texto em diferentes versões no vernáculo e em língua estrangeira<sup>17</sup>. Sendo que este texto não é paralelo a nenhum outro de forma direta.

### a. VISÃO GERAL

Após a leitura do texto em diferentes versões e idiomas, pode-se perceber algumas ideias centrais:

- i. João demonstra ter uma estima e apreço muito grande a família da “Senhora Eleita”;
- ii. Que é para esta família da “Senhora Eleita” prestar atenção na advertência de não receber e nem dar ouvidos aos falsos mestres;
- iii. Através do amor em verdade que habita no coração do autor, ele pretende estar com esta família em breve.

### b. DELIMITAÇÃO

Delimitar um texto dentro de uma epístola é um exercício deveras complexo devido à natureza própria de uma argumentação contínua da maioria dos autores. Nos Evangelhos e mesmo no livro de Atos dos Apóstolos, diversos elementos como indicações de espaço, de tempo, chegada ou saída de personagens, mudança de estilo, entre outros, são indicadores de início e fim de uma perícopa. Nas epístolas, esses elementos muitas vezes não aparecem.<sup>18</sup> No texto em análise, a delimitação por se

---

<sup>16</sup> CHAMPLIM, R. N. O Novo Testamento Interpretado, 2002, p. 216.

<sup>17</sup> Para a escrita deste artigo foi também realizada a leitura dos textos nos idiomas de inglês e espanhol, pela Spanish/English Bilingual Bible, 2011, p. 1792-1793.

<sup>18</sup> Kunz, C.A. Em Busca do significado, 2015, p. 36.

tratar do menor livro da Bíblia Sagrada, será compreendido como a perícopé toda a epístola, dos versos 1 a 13.

### c. CRÍTICA TEXTUAL

Este texto é escrito para um público que cria em Jesus Cristo em sua época, especialmente aos que eram membros de Igrejas na Ásia menor. Como carta de II João trata de assuntos morais amplos, fica claro que o objetivo de João era fornecer orientação para os cristãos que enfrentavam novos desafios para a sua fé. Nesta época, houve o surgimento de vários grupos cujos ensinamentos opunham-se ao cristianismo<sup>19</sup>.

Estas pessoas infiltraram-se na igreja na igreja, e houve muitos que cederam à negação dos fundamentos essenciais do cristianismo, por exemplo, a divindade e ressurreição de Cristo. À medida que crescia a oposição à fé dos crentes, João os encorajou através da escrita a continuar andando em comunhão com Cristo, de modo a não serem atraídos às falsas crenças.<sup>20</sup>

### d. TRADUÇÃO

O Texto grego pela Textus Receptus se apresenta em Língua Grega da seguinte maneira:

- 1 ο πρεσβυτερος εκλεκτη κυρια και τοις τεκνοις αυτης ους εγω αγαπω εν αληθεια και ουκ εγω μονος αλλα και παντες οι εγνωκοτες την αληθειαν
- 2 δια την αληθειαν την μενουσαν εν ημιν και μεθ ημων εσται εις τον αιωνα
- 3 εσται μεθ χαρις ελεος ειρηνη παρα θεου πατρος και παρα κυριου ιησου χριστου του υιου του πατρος εν αληθεια και αγαπη
- 4 εχαρην λιαν οτι ευρηκα εκ των τεκνων σου περιπατουνας εν αληθεια καθως εντολην ελαβομεν παρα του πατρος
- 5 και νυν ερωτω σε κυρια ουχ ως εντολην σοι καινην αλλα ην ειχομεν απ αρχης ινα αγαπωμεν αλληλους

---

<sup>19</sup> Bíblia de Estudo Palavras-Chaves Hebraico e Grego, 2011, p. 1307.

<sup>20</sup> Esta crítica textual não atua na observação gramatical do grego a partir dos registros gramaticais históricos, mas sim em uma análise ampla do contexto panorâmico histórico do texto.

- 6 και αυτη εστιν η αγαπη ινα περιπατωμεν κατα τας εντολας αυτου αυτη εστιν η εντολη καθως ηκουσατε απ αρχης ινα εν αυτη περιπατητε
- 7 οτι πολλοι πλανοι εισηλθον εις τον κοσμον οι μη ομολογουντες ιησουν χριστον ερχομενον εν σαρκι ουτος εστιν ο πλανος και ο αντιχριστος
- 8 βλεπετε εαυτους ινα μη απολεσωμεν α ειργασαμεθα αλλα μισθον πληρη απολαβωμεν
- 9 πας ο παραβαιων και μη μενων εν τη διδαχη του χριστου θεον ουκ εχει ο μενων εν τη διδαχη του χριστου ουτος και τον πατερα και τον υιον εχει
- 10 ει τις ερχεται προς υμας και ταυτην την διδαχην ου φερει μη λαμβανετε αυτον εις οικιαν και χαιρειν αυτω μη λεγετε
- 11 ο γαρ λεγων αυτω χαιρειν κοινωνει τοις εργοις αυτου τοις πονηροις
- 12 πολλα εχων υμιν γραφειν ουκ ηβουληθην δια χαρτου και μελανος αλλα ελπιζω ελθειν προς υμας και στομα προς στομα λαλησαι ινα η χαρα ημων η πεπληρωμενη
- 13 ασπαζεται σε τα τεκνα της αδελφης σου της εκλεκτης αμην<sup>21</sup>

Por razões de espaço, não será possível apresentar aqui a tradução, palavra por palavra, do texto original, de acordo com o método supracitado. Apresenta-se somente a tradução final do mesmo pela tradução da Nova Versão Internacional:

- 1 O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos, a quem amo na verdade, e não apenas eu os amo, mas também todos os que conhecem a verdade
- 2 por causa da verdade que permanece em nós e estará conosco para sempre.
- 3 A graça, a misericórdia e a paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, seu Filho, estarão conosco em verdade e em amor.
- 4 Ao encontrar alguns dos seus filhos, muito me alegrei, pois eles estão andando na verdade, conforme o mandamento que recebemos do Pai.
- 5 E agora eu lhe peço, senhora não como se estivesse escrevendo um mandamento novo, o que já tínhamos desde o princípio, que nos amemos uns aos outros.
- 6 E este é o amor: que andemos em obediência aos seus mandamentos. Como vocês já têm ouvido desde o princípio, o mandamento é este: que vocês andem em amor.
- 7 De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo.

---

<sup>21</sup> Conteúdo extraído de pesquisas no software: Bible Works 10. Windows Vista/7/8/10 Release. Copyright © 2016.

- 8 Tenham cuidado, para que vocês não destruam o fruto do nosso trabalho, antes sejam recompensados plenamente.
- 9 Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho.
- 10 Se alguém chega a vocês e não trouxer esse ensino, não o recebam em casa nem o saúdem.
- 11 Pois quem o saúda torna-se participante das suas obras malignas.
- 12 Tenho muito que lhes escrever, mas não é meu propósito fazê-lo com papel e tinta. Em vez disso, espero visitá-los e falar com vocês face a face, para que a nossa alegria seja completa.
- 13 Os filhos da sua irmã eleita lhe enviam saudações.<sup>22</sup>

### 3. ESBOÇO ANALÍTICO

Este esboço analítico é preparado em conformidade com as explicações e metodologia do Dr. Mark Ellis<sup>23</sup>.

Epistola Esboçada: II João

I. Ele elogia a Senhorita eleita (1.1-4)

A) A saudação (1.1-3): Graça, misericórdia e paz do Pai e do Filho.

B) O elogio (1.4): João a elogia pela forma que ela educou seus filhos na verdade.

II. Ele lança um desafio a Senhora eleita (1.5-6)

A) Que ela continue a amar a Deus (1.5).

---

<sup>22</sup> Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, 2003, p. 978.

<sup>23</sup> Toda a orientação para a estrutura do Esboço Analítico colocada pelo do Dr. Mark Ellis, se encontra mediante o acesso a este link: <<https://www.youtube.com/watch?v=VN9BM4MyvBo>>.

B) Que ela continue a obedecer a Deus (1.6).

### III. Ele previne a Senhora Eleita (1.7-11)

A) Cuidado com Satanás (1.7, 1.11)

1. O engano de seus ministros (1.7): Eles negam a encarnação de Cristo.

2. A rejeição a seus ministros (1.10-11)

a) O que ela deve fazer (1.10): Ela não deve recebê-los, de modo algum.

b) Por que ela de fazer isso (1.11):Porque recebê-los implica concordar com seus caminhos perversos.

B) Cuidado com o “eu” (1.8-9)

1. Não perca suas recompensas (1.8)

2. Não abandone seu Redentor (1.9)

### IV. Ele conforta a Senhora eleita (1.12-13)

A) O que João planeja fazer (1.12a): Ele deseja visitá-la pessoalmente.

B) Por que João planeja fazer (1.12b-13): “Para que o nosso gozo seja completo”.

## 4. CONTEXTO DE II JOÃO

João estimula a “senhora eleita” a continuar mostrando hospitalidade, mas também adverte e previne contra o abuso da comunhão cristã. Por toda a epístola, ele ressalta a verdade como a base e a prova da comunhão. Em especial, ele insiste em uma crença correta levando em consideração a encarnação de Cristo, e acusa aqueles que rejeitam essa realidade de terem ido além da doutrina de Cristo (v. 9) Ele incita os leitores a ficarem perto de Cristo, mantendo-se fiéis na verdade.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Bíblia de Estudo Plenitude, 2001, p. 1330.

Esta epístola apresenta tanto a divindade de Cristo (v. 3) quanto sua humanidade (v. 7). Qualquer pessoa que negue a verdade fundamental relacionada à Pessoa divino-humano de Cristo não tem a Deus (v. 9). João encarna a comunhão como uma característica distintiva da vida cristã, mas não deixa dúvidas de que a comunhão cristã é impossível onde a doutrina apostólica da Pessoa e obra de Cristo seja negada ou comprometida.<sup>25</sup>

## 5. ANÁLISES

Entre as diferentes análises que podem ser feitas sobre o texto, será realizada a análise léxica<sup>26</sup> neste espaço:

### a. ANÁLISE LÉXICA

Dentre os termos que aparecem na epístola de II João 1.1-13, foram escolhidos alguns para um estudo mais específico, tendo em vista a relevância do significado deles para a compreensão do todo:

#### i. Ancião

Transliteração do grego – *presbyteros* – mais velho, como substantivo, uma pessoa mais velha; especialmente um membro do Sinédrio Israelita, ou um “presbítero” cristão: ancião mais velho, o mais velho, velho.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

<sup>26</sup> Esta análise é realizada com material exegético disponível no vernáculo.

<sup>27</sup> Bíblia de Estudo Palavras-Chaves Hebraico e Grego, 2011, p. 2369.

ii. Eleita

Transliteração do grego *eлектos* – escolhido, eleito, por implicação, com o sentido de escolhido, com a ideia acessória de bondade, favor, amor, equivalente a estimado, amado(a).<sup>28</sup>

iii. Filhos

Transliteração do grego – *teknon* – um filho gerado, criança, filha, filho. Em sentido figurado, com referência àquele que é o objeto do amor e cuidado dos pais, ou que rende amor filial e reverência com relação a outra pessoa.<sup>29</sup>

iv. Amo

Transliteração do grego – *agapaō* – amar, amado. No sentido de considerar com favor, boa vontade, benevolência, expressão de bons desejos ou refere-se em fazer o bem ao próximo; amar o nosso próximo, o nosso inimigo.<sup>30</sup>

v. Verdade

Transliteração do grego – *alētheia* – verdade, verdadeiro, verdadeiramente, veracidade. Se trata daquilo que não está oculto, mas aberto e pode ser conhecido. Realidade e conformidade à natureza e à realidade das coisas. Em o Novo Testamento se trata como a expressão da verdade divina, ou a fé e a prática da verdadeira religião, é chamada de “verdade”, ou por ser verdadeira por si mesmo e derivada do Deus verdadeiro, ou como declaração da existência e da vontade do Deus único e verdadeiro, em oposição à adoração a falsos deuses.<sup>31</sup>

vi. Misericórdia

Transliteração do grego *eleos* – compaixão, misericórdia. Trata de piedade humana ou divina, no sentido de bondade em geral.<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 2177.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 2422.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 2027.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 2049.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 2181.

vii. Paz

Transliteração do grego – *eirēnē* – paz, prosperidade. Especificamente em sentido civil, o oposto de guerra e dissensão, entre indivíduos, harmonia, de modo metafórico: paz mental, tranquilidade que surge a partir da reconciliação com Deus de uma sensação de ter recebido o favor divino.<sup>33</sup>

viii. Deus

Transliteração do grego – *theos* – suprema divindade, no sentido figurado um magistrado. Palavra que pode ser compreendida neste contexto como Senhor, mestre, supremo em autoridade, onipotente, todo-poderoso.<sup>34</sup>

ix. Pai

Transliteração do grego – *patēr* – pai, um pai. Palavra de etimologia incerta. Um pai, com referência de modo geral, aos homens, e em um sentido especial, sobre Deus. Progenitor, ancestral, pai, mentor, ou modelo.<sup>35</sup>

x. Senhor

Transliteração do grego – *kyrios* – supremo em autoridade, controlador, senhor. No sentido amplo: possuidor, proprietário, chefe da casa, absoluta autoridade, soberano.<sup>36</sup>

xi. Cristo

Transliteração do grego *christos* – ungido, o Messias, um epíteto de Jesus. Palavra que pode ser neste contexto aplicada a todos aqueles que eram ungidos com óleo santo, principalmente o sumo sacerdote, também aplicada a pessoas que agissem como remidoras.<sup>37</sup>

xii. Filho

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 2167.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 2231-2232.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 2345.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 2278.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 2463.

Transliteração do grego – *huios* – filho, um filho. De modo geral um descendente do sexo masculino. A rigor palavra usada apenas a respeito de homem, tratando de uma de alguém que ocupa o lugar de filho, sobre filho adotado; ou sobre filho de animais.<sup>38</sup>

xiii. Andam

Transliteração do grego – *peripateō* – pisar ao redor, andar de maneira irrestrita. Ao modo figurado: viver, comportar-se, seguir, acompanhar; a modo geral: ir, estar ocupado com; andar livremente.<sup>39</sup>

xiv. Novo

Transliteração do grego – *kainos* – novo, novidade. Recentemente feito, não danificado pelo tempo ou uso; de modo aberto corrente ou não antes de ser conhecido, recentemente introduzido.<sup>40</sup>

xv. Amor

Transliteração do grego – *agapē* – amor, caridade, de amor caridoso e querido. No sentido que significa o amor que Deus ou Cristo tem para com os cristãos. O amor que é oriundo de Deus, para com alguém, em alguém. O amor de Cristo significa o amor que é derivado de Cristo.<sup>41</sup>

xvi. Confessam

Transliteração do grego – *homologeō* – professar, prometer, confessar. Falar ou dizer a mesma coisa que outra pessoa ou com outra pessoa; no âmbito de assentir, concordar ou concordar com.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 2434.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 2351. <sup>31</sup>

Ibidem, p. 2247.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 2028.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 2322.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 2028.

xvii. Carne

Transliteração do grego – *sarkinos* – carne, corpo em matéria humana. Substantivo que significa “carne” de uma criatura viva, em distinção de uma criatura morta, em detrimento as partes que constituem um corpo.<sup>43</sup>

xviii. Anticristo

Transliteração do grego – *antichristos* – um opositor do Messias, anticristo. Substantivo de *anti*: em lugar de ou contra; e *Christos*, de Cristo, o ungido. Termo que ocorre somente nas epístolas de João e nelas é definido como em sentido coletivo, todos que negam que Jesus é o Messias e que o Messias, de fato, veio em carne.<sup>44</sup>

xix. Temos Ganhado

Transliteração do grego – *ergadzomai* – trabalhar, ocupação, profissão. No sentido de realizar, estar engajado; cometer, fazer, esforçar-se para servir, ajudar, negociar.<sup>45</sup>

xx. Recebamos

Transliteração do grego *apolambanō* – receber. Especialmente de forma total, ou como um hóspede.<sup>46</sup>

xxi. Inteiro

Transliteração do grego – *plērēs* – repleto, coberto, completo. Em sentido figurado, cheio, no sentido de estar completo, perfeito; a respeito de uma recompensa total.<sup>47</sup>

xxii. Galardão

---

<sup>43</sup> Ibidem, p. 2390

<sup>44</sup> Ibidem, p. 2074

<sup>45</sup> Ibidem, p. 2209

<sup>46</sup> Ibidem, p. 2084

<sup>47</sup> Ibidem, p. 2357.

Transliteração do grego – *misthos* – no sentido primário: pagamento por serviço, bom ou mal. Substantivo aplicado a salário, pagamento, recompensa, no âmbito de recompensa a receber no futuro, retribuição.<sup>48</sup>

xxiii. Prevarica

Transliteração do grego – *parabainō* – movimento contrário, desobedecer. No sentido de transgredir, afastar-se de, perder o cargo por transgressão.<sup>49</sup>

xxiv. Doutrina

Transliteração do grego – *didachē* – instrução. No sentido de aquilo que tem sido ensinado. Ato de ensinar, instruir, tutorear.<sup>50</sup>

xxv. Persevera

Transliteração do grego *menō* – permanecer, ficar, habitar, demorar-se, viver. Trata-se do sentido da relação em que uma pessoa ou coisa está com a outra, principalmente nos textos de João; assim, permanecer em ou com alguém; estar e permanecer unido com essa pessoa, unida a ela no coração, em pensamento e em vontade. Além disso: permanecer em alguma coisa, equivalente a permanecer firme; perseverar nisso. Por outro âmbito, e em um sentido geral similar, pode-se dizer que alguma coisa permanece em uma pessoa.<sup>51</sup>

xxvi. Saúde

Transliteração do grego – *legō* – romper o silêncio; apresentar diante. No sentido de dizer, falar ou discursar.<sup>52</sup>

xxvii. Tem parte

Transliteração do grego – *koinōneō* – compartilhar, participar. No sentido de associado, participante, parceiro. Participar de algo com outra pessoa, ter em comum,

---

<sup>48</sup> Ibidem, p. 2304.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 2336.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 2148.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 2297.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 2282.

compartilhar recursos com outra pessoa, em um sentido negativo, compartilhar a culpa de algo.<sup>53</sup>

xxviii. Más

Transliteração do grego – *ponēros* – prejudicial, mal, calamitoso, doentio, culpável, maldade. Em um sentido ativo, o mal que causa a outras pessoas, de má índole, maligno, ímpio.<sup>54</sup>

xxix. Obras

Transliteração do grego *ergon* – obra, feito. No sentido primário da palavra: trabalhar, trabalho, desempenho, o resultado ou o objeto da atividade ou trabalho, esforço, negócio, algo a ser feito.<sup>55</sup>

## 6. SÍNTESE DE II JOÃO 1.1-13

A síntese propõe resumir e considerar os diversos passos executados anteriormente, visando à conclusão ou considerações finais sobre o texto estudado.

### a. VERSÍCULO 1

*“O presbítero à senhora eleita e a seus filhos, a quem amo por causa da verdade, e não somente eu mas também todos os que conhecem a verdade,”*<sup>56</sup>

De acordo com o costume epistolar grego, o autor começa a sua carta apresentando-se. Todavia, ele emprega, não o seu nome pessoal, mas o seu título, o presbítero. O título descrevia, não simplesmente a idade, mas a posição de ofício. É evidente que ele era conhecido, desse modo dos seus leitores. Ele não tinha dúvidas de

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 2269.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 2365.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 2210

<sup>56</sup> Todos os versículos apresentados nestes subitens da abordagem 5. Síntese de II João 1.1-13, estão de acordo com o texto da Bíblia Sagrada Almeida Século 21, 2008, p. 1257.

que eles o identificariam imediatamente por esse título, que dá testemunho de sua autoridade reconhecida.<sup>57</sup>

Esta carta é dirigida à ‘senhora eleita’, os diversos teólogos diferem quanto a se estas palavras descrevem uma pessoa individual ou se são a personificação de uma igreja. É mais provável, que signifique uma personificação e não uma pessoa, não da igreja em geral, mas alguma igreja local sobre a qual a jurisdição do presbítero era reconhecida, sendo seus filhos os membros individuais da Igreja.<sup>58</sup>

A linguagem de João não é apropriada para uma pessoa real, quer em sua declaração de amor, quer em sua exortação ao amor. Dificilmente o presbítero poderia referir-se ao seu amor por uma senhora e seus filhos como um ‘mandamento’ pelo qual tivemos desde o princípio.<sup>59</sup> Este versículo pode assim ser colocado: “Minha querida comunidade, amo vocês de verdade.”<sup>60</sup>

#### b. VERSÍCULO 2

*“por causa da verdade que permanece em nós e que estará conosco para sempre.”*

A verdade é a base do amor cristão recíproco. João salientou isto enfaticamente em sua carta, neste verso o retrato é de não nos amarmos uns aos outros porque somos temperamentalmente compatíveis, ou porque nos sentimos naturalmente atraídos uns aos outros, mas, sim por causa da verdade que compartilhamos.<sup>61</sup> Podendo este verso assim ser colocado: “E não estou sozinho, todos os que conhecem a Verdade e permanecem conosco amam vocês.”<sup>62</sup>

#### c. VERSÍCULO 3

---

<sup>57</sup> STOOT, J. R. W. I, II e II João: Introdução e comentário, 1982, p. 172

<sup>58</sup> STOOT, 1982, p. 173.

<sup>59</sup> STOOT, 1982, p. 173.

<sup>60</sup> A Mensagem: Bíblia de Linguagem contemporânea, 2011, p. 1750.

<sup>61</sup> STOOT, 1982, 174.

<sup>62</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

*“graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.”*

Chama atenção o fato de João colocar a sentença enfática ‘serão conosco’ diferenciando esta saudação, pois ele também acrescenta uma palavra aqui que não vinha sendo comum nos demais escritos neotestamentários, que é a palavra misericórdia entre graça e paz, sendo assim somente em II João em relação aos demais escritos. Graça e misericórdia são expressões do amor de Deus, sendo graça para com os culpados e destituídos de méritos, misericórdia para com os necessitados e desamparados. Paz é aquele reestabelecimento da harmonia com Deus, com os outros e conosco mesmo a que chamamos de ‘salvação’. Juntando os termos: paz indica o caráter da salvação; misericórdia a nossa necessidade dela; e graça indica a livre provisão que dela Deus fez em Cristo.<sup>63</sup>

Quando João coloca da ‘parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai’, essa expressão o ‘Filho do Pai’ é característica da teologia joanina, fato que mostra a divindade do Jesus humano. Podendo este verso assim ser colocado: “Que a graça, misericórdia e a paz sejam com vocês na verdade e no amor de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai!”<sup>64</sup>

#### 5.4. VERSÍCULO 4

*“Alegro-me muito por haver encontrado alguns de teus filhos andando na verdade, segundo o mandamento que recebemos do Pai.”*

Este verso é simplesmente uma expressão de ação de graças, pois há muitas coisas para quem João redige que lhe dá causa de regozijo. Este aspecto é porque estão ‘andando na verdade’ pois se Deus revelou a sua verdade de modo que não os deixa livre para andar a bel prazer. De fato, extraviar-se da verdade revelada não é apenas um erro infeliz, mas uma desobediência ativa.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> STTOT, 1982, 175.

<sup>64</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

<sup>65</sup> STTOT. 1982, p. 177.

Neste sentido esta revelação da verdade traz consigo, e quanto mais clara a revelação, maior a responsabilidade de crer nela e de obedecer. Podendo este verso assim ser colocado: “Não consigo dizer como estou feliz por saber que muitos membros da comunidade fazem tudo para viver a Verdade exatamente como o Pai ordenou.”<sup>66</sup>

#### 5.5. VERSÍCULO 5

*“E agora, senhora, peço-te, não como se escrevesse um novo mandamento, mas o mesmo que tivemos desde o princípio: amemos uns aos outros.”*

O mandamento para amar na verdade não é o único mandamento do Pai, este mandamento que aparece no verso 4, se repete nos versos 5 e 6. Para este contexto ser cristão é crer em Cristo e amar uns aos outros, pois se negar o ‘Filho’ e não amar não pode conhecer a Deus, isso retrata que a fé e o amor são sinais do novo nascimento.<sup>67</sup> Sendo assim João não dá a Igreja um mandamento no qual ele próprio se exime.

Não é como se João escrevesse mandamento novo para eles, mas mostra que é algo que eles já dominam. Pois não era algo novo para seus leitores, pois já sabiam desde os primeiros dias de sua vida cristã.<sup>68</sup> Podendo este versículo assim ser colocado também: “Mas me permitam lembrar uma coisa, e não se trata de um novo mandamento, apenas de uma repetição do mandamento básico e original: amemos uns aos outros.”<sup>69</sup>

#### 5.6. VERSÍCULO 6

*“E este é o amor: que vivamos segundo seus mandamentos. Esse é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, para que nele andeis.”*

A menção do mandamento do amor leva João a estabelecer a forma epigramática a relação recíproca entre amor e a obediência, pois é interpretado cada um em termos do outro. A vida cristã é aqui olhada do ponto de vista dos mandamentos.

---

<sup>66</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

<sup>67</sup> STTOT, 1982, p. 177.

<sup>68</sup> STOOT, 1982, p. 178.

<sup>69</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

É a palavra mandamentos que, ocorrendo quatro vezes em três versículos, dá coesão a defesa de um recorte de unidade para estes versos. A percepção teológica é que devemos andar segundo os seus mandamentos e, portanto, andar na verdade e andar no amor, porque estes são os mandamentos do Pai.<sup>70</sup>

Podendo assim ser colocado: “Amar significa seguir os mandamentos, e o mandamento que resume tudo é: orientem a vida pelo amor. Essa foi a primeira coisa que vocês ouviram e nada mudou.”<sup>71</sup>

### 5.7. VERSÍCULO 7

*“Porque muitos enganadores já saíram pelo mundo, os quais não declaram que Jesus Cristo veio em corpo. Quem assim procede é o enganador e o anticristo.”*

Existe uma preocupação nos escritos neotestamentários sobre o surgimento de falsos cristos e falsos profetas. A percepção de João nesta epístola e em seus escritos é que Jesus não se tornou o Cristo ou Filho em seu batismo, nem deixou de ser o Cristo ou Filho antes da sua morte, Jesus era “o Cristo vindo em carne”, pois as duas naturezas, a humanidade e a divindade, já estavam unidas por ocasião de seu nascimento, para nunca mais separar-se.<sup>72</sup>

As características desses enganadores e anticristos é negar a encarnação de Cristo Jesus. Sendo assim eles não são apenas um enganador e um anticristo, mas sim enganadores e anticristos. Nesta epístola ambos são tencionados como sendo um, em uma junção do que são, e não como dois agentes separados. Podendo este verso assim ser colocado: “Há muitos charlatões de conversa suave pelo mundo afora. Eles se recusam a crer que Jesus Cristo foi verdadeiramente um humano, um ser humano de carne e osso. Vamos chamá-los pelos seus verdadeiros nomes. Enganadores! Anticristos!”<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> STTOT, 1982, p. 179.

<sup>71</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

<sup>72</sup> STOOT, 1982, p. 180.

<sup>73</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

## 5.8. VERSÍCULO 8

*“Tende cuidado de vós mesmos para não destruídes o fruto do nosso trabalho, mas para que, pelo contrário, venhais a receber recompensa.”*

Tendo escrito o fato e indicado o perigo dos falsos profetas mestres itinerantes, João emite agora uma advertência: ‘Acautelai-vos’ ou ‘Tende cuidado’. Devido não poderem permitir-se relaxar na sua vigilância. A importância dessa vigilância é dada negativamente para que ‘para não destruídes o fruto do nosso trabalho’ e positivamente ‘venhais a receber recompensa’. O autor expressa estar pensando em si e, também neles como companheiro de trabalho no serviço do Senhor.<sup>74</sup> Podendo assim ser colocado este verso: “Tomem cuidado com eles, para que não percam o que custou tanto trabalho. Quero que vocês recebam a recompensa a que têm direito.”<sup>75</sup>

## 5.9. VERSÍCULO 9

*“Todo que vai além do ensino de Cristo e não permanece nele, não tem Deus. Quem permanece no ensino, esse tem tanto o pai como o Filho.”*

Alguns apontamentos desse ‘ensino de Cristo’ aqui neste verso, não é o ensinamento concernente a Cristo, mas o ensinamento do próprio Cristo e dos apóstolos. O uso neotestamentário concorda com isto que é apresentado em II João. No entanto ainda que assim fosse, isso não estabelece qualquer diferença, pois a doutrina de Cristo e essa mesma doutrina confirmada no ensino apostólico, se fundamenta sobre o ensino concernente a Cristo. Ambas falam sobre o ‘evangelho’, que proclama o Cristo encarnado em sua missão expiatória.<sup>76</sup>

João continua construindo e chamando a atenção para esta causa tão emblemática que é acerca do falso ensino, fato que não é exagerado para o seu momento e para o momento atual. Neste versículo apresenta-se a tamanha

---

<sup>74</sup> STOOT, 1982, p.181.

<sup>75</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750

<sup>76</sup> CHAMPLIN, 2014, p. 401.

adversidade.<sup>77</sup> Podendo assim ser colocado: “Quem vai longe demais, a ponto de ir além do ensino de Cristo, está se afastando de Deus, mas quem se apega a este ensino permanece fiel ao Pai e ao Filho.”<sup>78</sup>

#### 5.10. VERSÍCULO 10

*“Se alguém vem os visitar e não traz esse ensino, não o recebeis em casa e nem o cumprimenteis.”*

Aqui João introduz uma segunda advertência. Tão séria é a consequência do erro dos enganadores, que ele não somente os exorta a que se cuidem, mas os instrui sobre como tratar um falso profeta que tenha saído para o mundo. O dever é claro e definido nesse verso: não receber. Isto é, nem é para dar boa acolhida quando ele chegar e também é para nem o saudar, cumprimentar.<sup>79</sup>

Este versículo é relevante para os tolerantes, que se negam a afastar-se de ninguém, e para os separatistas, que gostam de afastar-se, de quase toda a gente. Para ter uma equilibrada interpretação dele é preciso ter em mente os três fatos seguintes: primeiro, João está se referindo a mestres de falsa doutrina, e não simplesmente crentes nela; segundo, a instrução de João bem pode relacionar-se, não só com uma visita ‘oficial de falsos mestres’, mas ao ato de estenderdes boas-vindas, antes que uma simples hospitalidade particular; terceiro, João está se referindo a mestres de falsa doutrina sobre a encarnação, e não a todo e qualquer falso mestre.<sup>80</sup> Podendo assim ser colocado: “Se alguém mostrar que não se importa com este ensino, não o convide para casa nem os hospede.”<sup>81</sup>

#### 5.11. VERSÍCULO 11

*“Pois quem o cumprimenta participa de suas obras más.”*

---

<sup>77</sup> STTOT, 1982, p. 182.

<sup>78</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

<sup>79</sup> STOOT, 1982, p. 183.

<sup>80</sup> STTOT, 1982, p. 184.

<sup>81</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

Essas palavras oferecem uma das razões por que se deveria usar das severas medidas aventadas no versículo anterior. Talvez haja outras razões, mas essa é suficiente. Se um falso profeta ou falso profeta chegasse ao lar de alguém, e esse alguém o saudasse como irmão, e então ele conquistasse algum servo ou familiar de seu hospedeiro para as suas doutrinas, o resultado seria o prejuízo espiritual, através daquele apressado e imprudente acolhimento. Se alguém ao menos saudar tal elemento esse último se sentirá encorajando a iniciar a propalar sua doutrina e falso ensinamento, porquanto nada terá sofrido devido ao fato de que degrada a pessoa de Cristo.<sup>82</sup>

O fato é que, qualquer um que o saúda realmente o ajudará a realizar seus atos nefandos, assim sendo um codestruidor da igreja. Podendo assim ser colocado: “Isso lhe serviria de plataforma para que ele prossiga em seus maus caminhos, fazendo de você um cúmplice.”<sup>83</sup>

## 5.12. VERSÍCULO 12

*“Embora eu tenha muitas coisas para vos escrever, não o quis fazer com papel e tinta. Mas espero visitar-vos e falar face a face, para que nossa alegria seja completa.”*

João faz a indicação que tem muitas coisas a dizer, mas prefere falar a mandar por escrito, ou seja, falar face a face por ser um modo mais satisfatório do que por escrito. Tendo em vista que as palavras pronunciadas têm a chance de serem menos mal-entendidas do que as escritas, tendo em vista o jeito com que se fala. Assim João lhes dá esperança de vir estar com eles, e a vinda dele será diferente da vinda dos falsos mestres. Ele pressupõe que o receberão bem, pois falar presencialmente permitirá uma comunhão pessoal com eles, comunhão esta que o autor de uma epístola e seus leitores não têm.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> CHAMPLIN, 2016, p. 403.

<sup>83</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

<sup>84</sup> STTOT, 1982, p. 1985.

O propósito da comunhão aqui colocada é para que a alegria seja completa, ou seja, plena. Em o Novo testamento alegria completa é o resultado da comunhão, pois nada sabe de uma alegria perfeita fora da comunhão com os outros através da comunhão com o Pai e com o Filho. Esta alegria trata-se do autor e dos destinatários desta carta.<sup>85</sup> Podendo assim ser colocado: “Tenho muito mais a dizer, mas prefiro não usar papel e tinta. Espero estar aí em breve e ter uma conversa franca com vocês.”<sup>86</sup>

### 5.13. VERSÍCULO 13

*“Os filhos da tua irmã eleita enviam saudações.”*

A epístola termina com uma mensagem de saudação dos filhos da tua irmã eleita, isto é, podendo ser dos “membros da sua congregação irmã”, a igreja de onde João está escrevendo.<sup>87</sup> ‘Irmã eleita’ pelo texto original pode ser traduzido assim: “irmã escolhida por Deus”.<sup>88</sup> Podendo este verso ser colocado: “todos nesta comunidade irmã enviam saudações.”<sup>89</sup>

## 7. CONCLUSÃO

Esta epístola escrita por João que tem com termos principais amor e verdade<sup>90</sup>, os quais emergem para um propósito prático, que se relaciona tanto com a vida interna de uma comunidade local, como com o perigo doutrinário da ameaça de fora. Os dois assuntos são inter-relacionados. João recomenda aos fiéis membros do grupo interno, que estão andando na verdade e lhes pede que guardem os outros mandamentos de Deus, especialmente o do amor mútuo.

A notória razão para querer ver a Igreja assim fortalecida na verdade e no amor é que muitos enganadores saíram pelo para espalhar suas ímpias mentiras. No entanto

---

<sup>85</sup> Bíblia de Estudo NTLH, 2012, p. 1534.

<sup>86</sup> A Mensagem, 2011, p. 1750.

<sup>87</sup> STTOT, 1982, p. 185.

<sup>88</sup> Bíblia de Estudo NTLH, 2012, p. 1534.

<sup>89</sup> Mensagem, A 2011, p. 1750.

<sup>90</sup> Bíblia de Referência Tompson, 2010, p. 1112.

João mostra grande regozijo com os leais membros desta Igreja, mas os admoesta para que se cuidem, para que não sucumbam aos falsos mestres, nem lhes deem nenhum incentivo na disseminação dos seus erros.

Far-se-á um curto delineamento sobre a 'ideia do anticristo', conforme foi desenvolvido neste conteúdo<sup>91</sup> frente a uma percepção errada que fora construída hodiernamente em solo pátrio. Sendo o Brasil um país muito rico em cultura, religião e história e existindo uma miscigenação tanto nacional quanto internacional, que forma uma sociedade de forte característica híbrida. Existem terminologias e figuras bíblicas que acabam se tornando parte de um folclore nacional. Este aspecto influencia muitas vezes na formação de opiniões que sugerem a ideia do anticristo, se conjecturando que o anticristo é um líder político, um líder religioso, um pregador que tem alcançado renome midiático ou alguma pessoa que por seu dado motivo tem alcançado algum tipo de proeminência social. Muitas vezes trazendo a essa figura pública uma ojeriza nacional.

Contudo, a luz das explanações de II João que foram realizadas o anticristo se trata de todo aquele que nega a vida e obra de Jesus conforme os relatos dos evangelistas neotestamentários e dos apóstolos do primeiro século, tornando isto um ensinamento contínuo e trabalhando para a propagação de tais enganos.

Nestas considerações finais após a exposição do propósito prático e um delineamento sobre a ideia do anticristo brasileiro, o fechamento será com a resposta para a pergunta: que tipo de ação a epístola de II João leva os cristãos da atualidade terem? O apóstolo João nesta carta convoca: a caminhar na verdade da Palavra de Deus, e para conhecer a verdade é preciso praticá-la; Amar, pois isso agrada a Deus; Seguir os mandamentos de Deus em seu comportamento para os outros; Receber a completa recompensa de Deus; Confirmar a confissão de qualquer um tenha sido recebido na comunhão; Ter cuidado com aqueles que agem com presunção e fazem

---

<sup>91</sup> Durante todo este artigo se expos que o autor de II João advertiu as pessoas a recusarem aqueles que evidenciavam e tinham como missão falsos ensinamentos sobre Jesus o Cristo. Tendo sido tratado especificamente sobre o termo anticristo no ponto 4.1.18 da análise léxica e no ponto 5.7. da descrição sintética da carta.

coisas que Deus não lhes mandou e compreender que isso é tão ruim quanto fazer coisas que ele proibiu; Não ter comunhão com aqueles que ensinam o erro; Não dar aos falsos mestres acesso ao povo de Deus.

## REFERÊNCIAS

**A Mensagem:** Bíblia em Linguagem Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2011.

**Bíblia de Estudo NTLH.** Nova Tradução Linguagem de Hoje. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

**Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego** – 2ª ed.; 2ª reimpr. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

**Bíblia de Estudo Plenitude.** Tradução Almeida Revista e Corrigida. . Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

**Bíblia de Estudo Pentecostal.** Versão João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

**Bíblia de Referência Thompson.** Com versículos em cadeia temática; AT e NT Tradução João Ferreira de Almeida – São Paulo: Editora Vida, 2010.

**Bíblia Sagrada Almeida Século 21:** Antigo e Novo Testamento. São Paulo : Vida Nova, 2008.

**Bíblia Sagrada:** Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.

**Bible Works 10.** Windows Vista/7/8/10 Release. Copyright © 2016. Bible Works, LLC Version 10.0.5.302

CHAMPLIM, R. N. **O Novo Testamento Interpretado:** versículo por versículo. Volume 6. São Paulo: Hagnos, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Novo Testamento Interpretado:** versículo por versículo. Volume 6. São Paulo: Hagnos, 2016.

\_\_\_\_\_, **Em busca do significado**: pesquisas nas áreas de história e prática da leitura da Bíblia / A. R. Gusso, W. R. Neto. Organizadores – Curitiba: FABAPAR, 2015, p.35-56.

ELLIS, Mark A. **Esboçando Trechos na Bíblia**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VN9BM4MyvBo>> Acesso em 06 jun 2022.

LAWRENCE, P. **Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia**. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

**Spanish / English Bilingual Bible**. New International Version / Nueva Versión Internacional. Colorado: Bíbliaca, 2011.

STOOT, J. R. W., **I, II e II João**: Introdução e Comentário. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1982.

WELLINGTON, H. **Manual de discernimento bíblico**. São Paulo: Templos, 2012.